



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Mestrado em Psicologia

LILIANA LEITE CHAGAS

**DO ARADO AO BORDADO:
Mudança no trabalho do homem do Sertão**

**FORTALEZA
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LILIANA LEITE CHAGAS

**DO ARADO AO BORDADO:
mudança no trabalho do homem do sertão**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Ambiente, trabalho e cultura nas organizações sociais

Orientador: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins

**FORTALEZA
2007**



UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR

Mestrado em Psicologia

Psicologia, Sociedade e Cultura: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações Sociais

Dissertação intitulada: “*Do Arado ao Bordado: mudança no trabalho do homem do sertão*”, de autoria da mestrandia Liliana Leite Chagas, aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores.

Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins - UNIFOR - Orientador

Prof. Dr. Gerardo Clésio Maia Arruda – (UNIFOR)

Prof. Dr. Viktor David Salis – (PUC –SP)

Prof. Dr. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO
Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia – UNIFOR

Fortaleza, 08 de Novembro de 2007



FIGURA 1 – Tela de bordado feito à mão¹
Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp>

¹ Exposição Tecendo Rosa, telas em bordado baseadas na obra de Guimarães Rosa (7ª Bienal Internacional do Livro do Ceará, 2006).

Aos meus irmãos Leysson e Leyvesson.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins, que acompanhou e incentivou todo o processo de construção deste trabalho, com seriedade e companheirismo. Em que, muitas vezes, encontrei um acolhimento para compartilhar alguns pensamentos e por proporcionar valiosas iluminações, indicando outros caminhos para a pesquisa.

Ao Prof. Dr. Gerardo Clésio Maia Arruda, que representa o corpo docente do Curso de Graduação em Psicologia da UNIFOR, local onde tive o privilégio de aprender o valor de uma pesquisa científica, através do contato estabelecido com professores comprometidos com a qualidade e desenvolvimento do saber na área das Ciências Humanas.

Ao Prof. Viktor David Salis pela disponibilidade, pois prontamente aceitou em participar da banca examinadora, mesmo diante dos vários compromissos que possui pelo país, compartilhando os seus estudos.

A Profa. Dra. Maria Inês Detsi, que sempre acreditou e apoiou minha entrada no mundo da pesquisa. Reconheço o quanto a experiência de termos trabalhados juntas, encorajou-me a prosseguir.

A minha família, pelo amor incondicional que sustentou e proporcionou a conclusão deste trabalho.

Aos amigos e colegas da Universidade, que estiveram próximos desta trajetória, com afetividade e trazendo muitas sugestões.

Um agradecimento a todos os colaboradores da comunidade de Sítios Novos e em especial aos sujeitos bordadores que generosamente narraram suas histórias de vida em longas conversas, mostrando-nos a coragem e a força daqueles que ali vivem no sertão nordestino.

DOIS QUADROS

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente e o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terra do Sul.

De nuvem no espaço, não há um farrapo,
Se acaba a esperança da gente roceira,
Na mesma lagoa da festa do sapo,
Agita-se o vento levando a poeira.

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico.

Na copa redonda de algum juazeiro
A aguda cigarra seu canto desata
E a linda araponga que chamam Ferreiro,
Martela o seu ferro por dentro da mata.

O dia desponta mostrando-se ingrato,
Um manto de cinza por cima da serra
E o sol do Nordeste nos mostra o retrato
De um bolo de sangue nascendo da terra.

Porém, quando chove, tudo é riso e festa,
O campo e a floresta prometem fartura,
Escutam-se as notas agudas e graves
Do canto das aves louvando a natura.

Alegre esvoaça e gargalha o jacu,
Apita o nambu e geme a juriti
E a brisa farfalha por entre as verduras,
Beijando os primores do meu Cariri.

De noite notamos as graças eternas
Nas lindas lanternas de mil vagalumes.
Na copa da mata os ramos embalam
E as flores exalam suaves perfumes.

Se o dia desponta, que doce harmonia!
A gente aprecia o mais belo compasso.
Além do balido das mansas ovelhas,
Enxames de abelhas zumbindo no espaço.

E o forte caboclo da sua palhoça,
No rumo da roça, de marcha apressada
Vai cheio de vida sorrindo, contente,
Lançar a semente na terra molhada.

Das mãos deste bravo caboclo roceiro
Fiel, prazenteiro, modesto e feliz,
É que o ouro branco sai para o processo
Fazer o progresso de nosso país.

Patativa do Assaré.

RESUMO

Apresentamos um estudo sobre as mudanças realizadas pelo homem sertanejo de atividade laboral rural, especificamente da agricultura, para uma nova ocupação no trabalho, o bordado, ocupação esta definida socialmente, até a atualidade, como um lugar dominado pelo gênero feminino. O cenário da pesquisa trata-se de uma localidade, situada na zona rural, do interior do estado do Ceará. Os colaboradores da pesquisa apresentam as seguintes características: gênero masculino, faixa etária acima de trinta anos, pertencentes a classe social baixa. Conduzimos este estudo utilizando autores contemporâneos, estabelecendo um diálogo entre a Psicologia, História, Antropologia e Sociologia. O corpo teórico encontra-se alicerçado na discussão das temáticas sobre: o sertão, as referências históricas na construção da identidade do sertanejo e o sentido atribuído ao trabalho. O objetivo geral da pesquisa buscou compreender a trajetória da mudança da atividade rural para uma atividade manual artesanal vivenciado pelo homem sertanejo. Os objetivos específicos são: compreender o valor atribuído ao trabalho na região sertaneja, descrever o contexto sócio-cultural que leva o sertanejo a migrar para a atividade do bordado e verificar como esse sujeito se significa no lugar do trabalho feminino. A metodologia utilizada fundamenta-se pela abordagem qualitativa, com foco etnográfico, através das entrevistas, uso de diário de campo e observação-participante. Os resultados nos mostram a adaptabilidade do sujeito sertanejo, motivada pela sobrevivência, além de uma tolerância e pouca resistência aos modelos que se apresentam como fonte alternativa de trabalho no sertão. Verificamos que essa transformação não acontece de imediato, decorre de um longo processo em que o homem foi tolhido de seu desejo. Destaca-se que o quadro atual do comportamento social, desse homem sertanejo, não se refere a uma designação reducionista, seja de forma positiva ou negativa, da sua nova ocupação no trabalho, mas essencialmente representa uma expressão singular de se mostrar e se reconhecer no seu contexto social.

Palavras-chaves: trabalho, sertão nordestino, homem sertanejo e migração de atividade.

ABSTRACT

We present a study on the changes carried through by the man from hinterlands who works on agricultural activity, specifically the changes from agriculture to a new occupation in the work, the embroidering, which is socially defined as dominated by the feminine sort. The scene of this research is situated in the agricultural zone, inner location of the state of Ceará. The collaborators of the research present the following characteristics: masculine sort, age above thirty years-old and belonging to low social class. We lead this study mentioning contemporary authors, establishing a dialogue between Psychology, History, Anthropology and Sociology. The theoretical content has as background the discussion on the following thematic: the hinterland, the historical references in the construction of the identity of the man from this land and the meaning attributed to the work. The general objective of the research sought to understand the trajectory of the change from the agricultural business to an artisan manual activity deeply lived by this man. The specific objectives are: to understand the value attributed to the work in the region of hinterlands, to describe the social-cultural context that takes the man from hinterlands to migrate to the activity of embroidering and to verify how this citizen sees himself in a place of feminine work. The methodology used is based on the qualitative approach, with ethnographic focus, using interviews, agenda and participant-observation. The results show us the adaptability of the citizen from hinterlands, motivated by the survival, as well as tolerance and little resistance to the models that are presented as alternative source of work in the hinterland. We verify that this transformation does not happen immediately, it happens due to a long process where the man has been refrained from his desire. It is distinguished that the current picture of the social behavior, of the hinterland's man, does not relate to a reductionist assignment, either in a positive or negative way, in his new occupation at work, but it represents essentially a singular expression of showing and recognizing himself in his social context.

Key-words: work, northeastern hinterland, man from the hinterland and migration of activity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tela de bordado feito à mão.....	4
FIGURA 2 – Obra Cândido Portinari Retirantes	29
FIGURA 3 – Tela de bordado feito à mão.....	32
FIGURA 4 – Mapa do nordeste e sub-regiões.....	41
FIGURA 5 – Obra Adelmir Martins Cangaceiro.....	51
FIGURA 6 – Obra Tarsila do Amaral Vendedor de frutas.....	69
FIGURA 7 – Foto zona rural sítios Novos.....	91
FIGURA 8 – Foto criação de animais.....	94
FIGURA 9 – Pano de prato com detalhes bordados.....	111
FIGURA 10 – Toalha de mesa com detalhes bordados.....	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	UM LUGAR CHAMADO SERTÃO	29
	2.1 Veredas do nordeste.....	32
	2.2 Sertão: terra dos caboclos, do trabalho e da profecia.....	41
3	SER (TÃO), SERTÃO.... DO DITO AO VIVIDO	51
	3.1 Cultura: o sentido atribuído ao do lugar.....	53
	3.2 Lampião, coronel e padre Cícero: personagens na história do sertanejo...55	
4	AS MUDANÇAS DE SENTIDOS NO TRABALHO	69
5	PERCURSO METODOLÓGICO	77
	5.1 A etnografia: uma singularidade da prática investigativa.....	80
	5.2 A técnica no campo: um instrumental na construção da pesquisa.....	85
6	RELATO ETNOGRÁFICO	91
	6.1 O lugar: Sítios Novos de casas amarelas e conversas nas varandas.....	92
	6.2 Os sujeitos: homens tecendo uma nova história.....	105
	6.3 Juntando as falas e desenhando o bordado: uma análise e discussão dos diálogos construídos.....	112

7	CONSIDERAÇÕES A CERCA DO RELATO.....	126
8	REFERÊNCIAS.....	131
	ANEXOS.....	136

1 INTRODUÇÃO

Por ser de lá
Na certa por isso mesmo
Não gosto de cama mole
Não sei comer sem torresmo.
Eu quase não falo
Eu quase não sei de nada
Sou como rês desgarrada
Nessa multidão boiada caminhando a esmo.

(Lamento do sertanejo, Domiguinhos e Giberto Gil, Anexo D).

A proposta de pesquisa apresentada encontra-se entrelaçada à uma manifestação visível no mundo contemporâneo, em pleno século XX, um tempo marcado pelas transformações de valores e da evidente adaptação do homem aos preceitos da modernidade. Trata-se de uma reflexão sobre a migração no trabalho, especificamente um estudo que perpassa a trajetória realizada pelo homem sertanejo que decide mudar de ocupação, passando do arado ao bordado.

O nosso tema de pesquisa refere-se à um recorte dessa migração no trabalho verificada na atualidade, em que propusemos analisar o percurso de mudança realizado pelo homem sertanejo, inserido na atividade rural da agricultura, para uma nova ocupação, predominantemente exercida pelo universo feminino: o bordado. Assim, o caminho de investigação delineado nesse estudo diz respeito ao

relato da história do sujeito agricultor que deixa o trabalho na roça, de cultivo e plantação, para desempenhar o ofício do bordado.

O cenário dessa transição encontra-se focalizado no sertão nordestino cearense, tendo raízes históricas inscritas fundamentalmente no patriarcalismo como sistema de organização social e econômica, que por consequência sustentou durante décadas a idéia de o sertão ser um espaço constituído de pouca mobilidade nos papéis sociais para aqueles que ali se encontram.

Seguindo as crenças e valores sociais da concepção tradicional de papéis, lembramos que a arte de bordar sugere como requisito fundamental para sua construção, mãos naturalizadas de delicadeza e precisão. Observa-se que essas características não são atribuídas às mãos masculinas, sendo geralmente direcionadas e apropriadas pelo gênero feminino. Diante da verificação dessa mobilização e transição no sertão, o fenômeno, aqui abordado, apresenta uma ruptura do determinismo social ou da naturalização cristalizada na cultura que regula previamente a classificação do que seja o trabalho masculino e feminino na sociedade.

Lembramos não ser esta a primeira vez em que buscamos trabalhar com a temática do sertão nordestino, já que no ano de 2004 pela Universidade de Fortaleza, efetivamos uma pesquisa sobre religiosidade popular, deslocando-nos ao encontro das romarias, na cidade sertaneja de Canindé, situada no interior do estado do Ceará. Durante o ano inteiro, a localidade permanece mobilizada, através da religião, ao crescimento cultural e econômico. Na realização desse estudo, procuramos evidenciar os discursos dos romeiros para compreender a representação de sentidos, vinculada às frustrações e conquistas, instituída na romaria.

A partir da aproximação com os romeiros, a pesquisa de campo tornou-se o alicerce da investigação, já que não poderíamos descrever os ritos, as manifestações alternadas de alegria e sofrimento, as músicas, os vestuários, ou seja, os detalhes do cotidiano observado, através de uma leitura bibliográfica. Na época, os colaboradores da pesquisa, pertenciam à zona rural e eram do gênero masculino, e outra informação curiosa verificada encontra-se no fato da principal ocupação dos entrevistados, estar voltada também para agricultura. Acreditamos que essa experiência anterior, na pesquisa desenvolvida com os romeiros, contribuiu principalmente no aprimoramento da abordagem ao campo de estudo. A partir do conhecimento de alguns procedimentos praticados no contato com os romeiros na investigação citada, beneficiamos também a pesquisa atual, *Do arado ao bordado: mudança no trabalho do homem do sertão*, com uma aproximação com o campo de pesquisa, através das entrevistas, da adoção de diário de campo para os registros e na participação de rituais.

Por outro lado, pensamos que o interesse pela pesquisa sobre o sertão envolvendo o sujeito sertanejo, talvez perpassasse por algumas questões subjetivas ligadas à pesquisadora. Iniciamos essa possível justificativa com alguns fragmentos do relato de sua história pessoal. A construção dessa dissertação acabou por envolver toda a família, já que esta participou de todo processo, desde os primeiros passos até as considerações finais, oferecendo apoio com alguns questionamentos e sugestões. Apresentamos a descoberta de um fato que emergiu após vários encontros e conversas com alguns familiares mais antigos, de que gerações passadas, representadas por nossos bisavôs maternos que exerciam a agricultura como principal ocupação e fonte de renda.

Assim, apesar de possuímos uma predominância das gerações atuais, na vida urbana, verificamos que nosso histórico familiar encontra-se atravessado por uma expressiva influência da zona rural, em que alguns dos nossos antepassados viveram e, de certa maneira, estão sendo rememorados nesta pesquisa. Trata-se de uma nordestina, sua origem não passa pela legitimação de alguns papéis, apresenta-se uma cearense adotada, acolhida e enamorada por essa terra. Um lugar constituído de uma paisagem deslumbrante que abrange desde o sertão ao mar, um paradoxo para alguns que vêm de fora, mas para quem está aqui e vivencia, sabe o quanto essa riqueza geográfica complementa e dispõe de uma cultura única, em que o frio das serras, o calor do sertão e a brisa das praias constroem, no mesmo contexto, um recorte do nosso nordeste. Acreditamos na defesa que implica o sertão na representação de um espaço vasto de manifestações culturais, constituído de uma beleza específica, que retrata a imagem de um povo guerreiro e de uma natureza viva.

Continuamos compartilhando o caminho percorrido para se chegar ao tema da pesquisa, quando declaramos que as primeiras inquietações responsáveis pela motivação desse estudo surgiram durante um trabalho realizado na Organização Não Governamental, situada em Fortaleza (CE), onde havia um projeto de promoção voltado à geração de renda destinada para atender ao público de baixa renda residentes na periferia do Bairro Edson Queiroz.

Informamos que o local dessa experiência será apresentado por Esperança, uma nomeação fictícia, mas eleita por considerarmos legítima a missão proposta pela instituição de conscientizar as pessoas da importância de assumirem uma ação ativa perante suas histórias de vida. O nosso trabalho, na área da psicologia, estava envolvido com o desenvolvimento da terapia comunitária, na

formação de grupos constituídos por adolescentes e adultos, nomeados através de rodas de conversas, nas quais se propõe um espaço de expressão para compartilhamento das dificuldades, limitações, projetos e potencialidades vivenciados pela própria comunidade.

Na Esperança, realizávamos também um acompanhamento terapêutico com outros grupos existentes, entre os quais destacamos o programa de geração de renda, citado anteriormente. Dentre as diversas oficinas efetivadas, a maioria voltada para a aprendizagem da técnica no artesanato, uma delas aprisionou a nossa atenção, o curso de costura e bordado. O impressionante ou o diferencial dessa oficina estava no fato de possuir homens oriundos do interior do estado, como instrutores, em específico do sertão central. Após um contato informal com eles verificamos que esses sujeitos tinham deixado a agricultura há alguns anos e agora estavam inseridos no mercado de trabalho, através do bordado. Talvez por conseqüência do interesse e da escuta disponível que apresentamos, a fim de conhecer suas histórias, acabaram por compartilhar um pouco das suas angústias, dificuldades ou situações geradas por preconceitos que tiveram que passar até chegarem a assumir o atual trabalho.

A partir da contemplação deste fato, surgiram alguns questionamentos sobre o que estava ocorrendo no sertão nordestino, com relação ao sujeito e o seu trabalho: como aconteceu esse processo de mudança em que o homem do sertão substituiu a enxada pela agulha do bordado? De que maneira esse sujeito testemunha essa experiência? Pensávamos que nas falas dos sujeitos estariam presentes uma significação de coragem, mas também de algum resquício de sofrimento, já que se trata da ruptura de estereótipos.

Outro aspecto percebido foi o fato desse sujeito buscar uma alternativa de sustentabilidade na própria localidade para superar as dificuldades existentes. Esses questionamentos nos induziram aos primeiros passos dessa pesquisa, já que estes homens não buscavam mais as cidades urbanas como lugar ideal para se viver, como acontecia anteriormente, entre 1960 e 1980. Conforme registra Vilaça (2003), durante esse período ocorreu um deslocamento exorbitante das famílias do sertão nordestino, que desejavam melhores condições de vida, no período da seca não existia trabalho em suas terras. Cerca de oito milhões de pessoas migraram da região semi-árida, do sertão nordestino, para grandes cidades situadas no sudeste ou no próprio nordeste, que representavam uma imagem de prosperidade.

O caminho traçado para a compreensão desse fenômeno está delimitado em três capítulos seguidos da metodologia que viabilizou o estudo de campo. Quanto ao desenvolvimento da pesquisa teórica, optamos pelo desafio da exploração de um conhecimento interdisciplinar, que transita na área das ciências humanas, envolvendo: História, Psicologia, Sociologia e Antropologia.

Ao construirmos o corpo teórico da pesquisa pensamos que seria fundamental começarmos explorando o lugar onde esse sujeito teria como referência as suas lembranças, mitos e sonhos. A partir dessa idéia, lançamos o desafio de estudarmos o sertão nordestino. O capítulo *Um lugar chamado sertão* procura apresentar algumas interpretações sobre o sertão, onde se origina e acontece a transição de trabalho do sujeito. Afinal, que lugar é esse? O que é o sertão? São alguns questionamentos que buscamos discutir. Optamos, então, por estudar o sertão abordando a região nordeste.

Neste capítulo, tratamos o tema a partir de Bastide (1980) que através do olhar de um viajante, partindo do litoral com destino ao sertão, escreve sobre o

nordeste, apresentando-nos uma interpretação descritiva, em que privilegia um percurso, que em alguns momentos oscila entre os aspectos culturais e geográficos da região. Além disso, acrescentamos ao diálogo a contribuição de Albuquerque Junior (2001) quando este discorre sobre a representação do nordeste brasileiro, constituído de uma imagem do sertão miserável.

O autor apresenta uma análise sobre a região nordeste embasada no estudo histórico que passeia por tudo aquilo que se mostra construído pelo imaginário social. Essa representação do nordeste possui como principal instrumento de expressão e mobilização a arte brasileira, que se dá através da: literatura, música, cinema e pintura. Albuquerque Junior (2001) busca “[...] entender alguns caminhos por meio dos quais se produziu, no âmbito da cultura brasileira, o Nordeste” (p.23). Aproveitamos o reforço da menção dada a literatura pelo autor, para uma compreensão do sertão e incluímos no capítulo algumas passagens da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1979). Esta foi lançada em 1902, um marco da produção literária nacional, que procura entender o interior do país ao abordar o espaço sertanejo como um lugar que se encontra distante da civilização litorânea, delineando esse território através do enunciado de oposição ao litoral.

Continuamos o capítulo com Lima (1999), por focar a relação estabelecida entre a seca e o sertão com uma visão crítica, propondo neste sentido uma ruptura com o pensamento cristalizado na naturalização do sertão, cuja vertente impõe e reduz as limitações da região apenas às condições climáticas. Ressaltamos Farias (1997), historiador que nos mostra a origem da civilização sertaneja. O autor explica que a formação étnica do sertão estava vinculada ao desenvolvimento econômico da região. Ao considerarmos esse território nordestino um lugar propenso à produção econômica sustentável, anunciamos Arruda (2005)

quando estabelece um mapeamento com as singularidades presentes no desenvolvimento do trabalho no semi-árido nordestino. Este destaca que durante os séculos XVI e XVII, até a primeira metade do século XX, ocorreu um expressivo movimento de ocupação territorial, e por consequência surgiram os primeiros elementos de produção econômica do sertão, com: a pecuária, a agricultura e o extrativismo vegetal. Pretendemos com o tópico *Sertão: terra dos caboclos, do trabalho e da profecia* construir uma discussão sobre o sertão, considerando-o propenso ao surgimento de muitas descobertas e possibilidades seja no âmbito social, cultural ou econômico. Esse pensamento perpassa por um enunciado que se contrapõe ao imaginário social do sertão, muitas vezes identificado como terra inóspita.

No fechamento do capítulo, destacamos Martins (2006) que pelo viés da psicologia, desenvolveu uma pesquisa, que teve como campo de estudo os Encontros Anuais dos Profetas Populares da Região do Sertão Central, realizados a partir do ano de 1997, na cidade de Quixadá (CE). Trata-se de um enfoque sobre a profecia, um saber peculiar oriundo das experiências populares dos habitantes da região sertaneja, em que os profetas da chuva seguem rigorosos critérios para as previsibilidades. Sobre esse evento que provem do reconhecimento da força da natureza e da cultura na compreensão do sertão, declara:

[...] o encontro dos profetas e a afirmação de suas profecias, estejam ela corretas ou não, é um testemunho de que é sempre possível recomeçar, criando uma configuração do sensível que circunscreve, simultaneamente, o fazer, o ser e o dizer (p. 15).

A autora contextualiza os profetas como agentes culturais do sertão, pois da relação proveniente do homem com a natureza emergem alguns discursos, ou

seja, algumas estratégias psíquicas que desdobraram outros sentidos e mostram o homem sujeito de suas escolhas para viver no sertão. Martins (2006) exemplifica que através da profecia o sujeito sertanejo, com um ato criativo, lida com o imaginário social da fome e da morte, dessa maneira supera a sensação de impotência.

Prosseguindo, após passearmos pelo ambiente sertanejo chega o momento de conhecermos o sujeito, homem do sertão nordestino. Estamos no capítulo *(Ser) tão, sertão... Do dito ao vivido*. Iniciamos este com a descrição do conceito de cultura, sob os olhares de Geertz (1989) e Laraia (2005). Ambos os autores compartilham o pensamento de o estudo da cultura estabelecer que consideremos a constante transformação pelo qual passam as sociedades, uma mudança principalmente nas relações sociais da realidade observada. Reafirmando essa idéia, citamos uma passagem de Laraia (2005):

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (p. 105).

Em seguida, apresentamos o conceito de identificação, que é trabalhado através de Laplanche (1998), em que ressalta a necessidade do campo subjetivo ao produzir objetos identificatórios, estes sendo essenciais para o favorecimento da saúde psíquica do sujeito. Conduzimos o estudo deste capítulo elegendo alguns personagens históricos que permeiam o imaginário do sertão: Lampião, Coronel e

Padre Cícero. Assim, procuramos contornar o perfil do homem sertanejo através dessas referências culturais, presentes na formação histórica do sertão cearense.

Discorremos sobre o personagem de Lampião com a colaboração de Boris (2002), que define alguns traços de masculinidade encontrados nessa figura histórica. Segundo o autor, essas marcas subjetivas que significam o ser masculino acompanham as gerações da atualidade, que buscam promover uma identidade masculina alicerçada na força física em defesa da honra do nordestino.

Continuamos essa linha de pensamento e discutimos sobre o coronelismo com o autor Vilaça (2003) que caracteriza o coronel descrevendo a sua postura de poder, abrangendo as relações culturais e econômicas, nos territórios de seu domínio. Além disso, Holanda (1995) destaca as relações de poder existentes na zona rural, já na monarquia. O autor revela que os portugueses, ao colonizar o Brasil, instauraram uma civilização de raízes rurais:

[...] é efetivamente nas propriedades rústicas que toda vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação européia: as cidades são virtualmente, se não de fato, simples dependência delas (p. 73).

Encerramos o segundo capítulo com uma reflexão acerca da religião, representada na figura de um santo popular, Padre Cícero, o *Padim Ciço*, maneira afetiva pela qual é conhecido entre os adeptos e cuja imagem mobiliza milhões de pessoas através de peregrinações com destino à cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. Atribuímos um destaque à religião por ser uma manifestação popular expressiva na região nordestina e por acreditarmos perpassar pela constituição da história do sujeito sertanejo. Tratamos o tema a partir de Facó (1983) que esboça a trajetória de Padre Cícero no sertão nordestino, destacando a idolatria

da população pelo representante religioso, que se edifica através de uma roupagem paternalista de proteção e justiça aos que têm devoção.

Acrescentamos David (2003) para discorrermos sobre a religião como instrumento de acalento para a sensação de abandono que afeta os devotos e, por outro lado, a sua influência como um atributo social na constituição psíquica do sujeito. O autor, pelo viés psicanalítico, expõe que a crença religiosa reproduz a vivência infantil, em que o sujeito, instituído de resquícios da infância, apela por um pai todo-poderoso e protetor, rogando para que os seus desejos sejam atendidos. Através da religião, o sujeito passa a conduzir a realidade, com o propósito de superar os conflitos e as situações de desamparo, ora promovidas por uma estrutura psíquica interna tênue, ora pelas prováveis condições desfavoráveis encontradas no ambiente social.

Reconhecemos a existência de outras personalidades que poderiam ter sido exploradas durante este percurso, no qual propomos delinear alguns referenciais representativos na constituição do sujeito sertanejo, no entanto justificamos a escolha, aqui apresentada, pela expressiva imagem que estes se fazem presentes na região sertaneja, através da cultura local com: a literatura, a música e o cinema. E, finalmente, por acreditarmos que Lampião, Coronel e Padre Cícero colaboraram com as suas trajetórias para anunciar nacionalmente o sertão como espaço constitutivo do país.

Logo o capítulo *As mudanças de sentidos no trabalho* estabelece algumas considerações sobre as transformações da relação homem-trabalho, que atravessaram a sociedade nordestina, diante de um tempo e espaço específicos. Enfatizando o valor elaborado, ao longo de um processo, pelo sujeito da sua condição existencial ligada ao trabalho. A leitura de Nolasco (1999), Albornoz

(2002), Tamayo (2004) e Arendt (2005) possibilitaram compreender contextualmente o valor atribuído ao trabalho pela sociedade.

Apresentamos como metodologia de investigação do campo, a abordagem qualitativa com enfoque etnográfico que proporcionou o desenvolvimento do nosso estudo. Embasados na orientação de Laplantine (1983) e Baztán (1995), consideramos que a etnografia, atravessada pela antropologia, propiciou o favorecimento de algumas condições essenciais ao pesquisador para exercê-las no campo, destacamos: uma observação cuidadosa, uma escuta disponível e sensível aos fatos e por consequência desse processo, a construção de uma descrição densa do fenômeno observado. Em relação à técnica de abordagem aplicada em nossos colaboradores entrevistados, seguimos as orientações de Minayo (1998) e Bauer (2002), já que utilizamos algumas ferramentas como entrevistas, registro no diário de campo e observação participante.

O local da pesquisa foi a zona rural, região denominada de Sítios Novos, situada na cidade de Caucaia, interior do estado do Ceará. Nesta localidade residem e trabalham os nossos dois colaboradores, do gênero masculino, faixa etária acima de trinta anos e que atualmente exercem como ofício o trabalho artesanal da costura e do bordado. Esses sujeitos, aqui apresentados por Antônio e João, deixaram o trabalho com a enxada na agricultura para possuir como principal fonte de renda atual o resultado das produções com a costura e o bordado. Procuramos conhecer a história de vida desses sujeitos, focalizando essa mudança ocorrida nas suas relações com o trabalho.

Durante as entrevistas, percebemos que estávamos adentrando em questões pessoais carregadas de emoção, já que as narrativas testemunharam momentos de alegria, mas também de sofrimento. Entendemos que as falas dos

nossos colaboradores descrevem genuinamente todo esse processo de transformação. Desta forma, a oralidade verificada no trabalho de campo é o instrumento fundamental de interpretação que favoreceram às discussões e análises da pesquisa.

Acreditamos que a importância desse estudo consiste em possibilitar a compreensão da manifestação cultural desses sujeitos sertanejos em seu ambiente, através de ações e propostas singulares para superar as dificuldades ali encontradas. O conhecimento desse espaço, que é o sertão, será um convite a dar continuidade e também ao surgimento de outras pesquisas envolvendo essa temática. Consideramos que o outro benefício que poderá suscitar nesse trabalho é da ordem social, pois com a construção e o entendimento dessa trajetória de mudança, ficará transparente uma outra imagem do sertão, dessa forma incentivando a iniciativa pública ou privada como parceiras no crescimento e no desenvolvimento das pequenas localidades do sertão cearense.

O instigante de uma pesquisa provavelmente está na capacidade e na possibilidade que o pesquisador, com a sua curiosidade investigativa, detêm de transformar o fenômeno observado em teorização, um conhecimento que poderá ser compartilhado. No que se refere à validade científica dessa pesquisa, destacamos que se trata de uma investigação acadêmica construída a partir de um recorte, uma manifestação cultural. Assim compartilhamos do pensamento, que evoca:

[...] é evidente que qualquer abordagem intelectual será sempre insuficiente diante da complexidade do fenômeno cultural. O olhar teórico será sempre inevitavelmente parcial e incapaz de alcançar a totalidade multifacetada do seu objeto de estudo retirado da cultura, será sempre um recorte, uma perspectiva, uma leitura, uma interpretação. Mas, é nesse mesmo reconhecimento da sua insuficiência que reside também sua principal qualidade (Jordão, 2006, p. 187).

Esperamos que a leitura desta pesquisa proporcione uma reflexão acerca da ciência e que fortaleça a construção de pesquisas sobre o semi-árido nordestino, pela mediação da interdisciplinaridade, aproximando áreas de conhecimento afins, como as aqui tratadas: psicologia, antropologia, sociologia e história. A partir desta postura, o duelo, muitas vezes, travado entre esses campos de estudo buscando isoladamente uma soberania no mundo científico, cede lugar a cumplicidade de compor novas formas de se compreender o fenômeno.

2 UM LUGAR CHAMADO SERTÃO



FIGURA 2 – Retirantes (Cândido Portinari, 1944)

Fonte: http://www.proa.org/exhibicion/portinari/salas/id_portinari_retirantes.html

Ao longo deste capítulo, propomos a apresentação da temática sobre o sertão e suas representações, que aqui está descrita com o aparato histórico-cultural, mediante a leitura de Bastide (1980), sociólogo que apresenta uma descrição geográfica acompanhada dos aspectos culturais da formação do povo sertanejo. Farias (1997) que colabora ao destacar alguns fatores sobre o desenvolvimento econômico do sertão. Enquanto Lima (1999) e Albuquerque Junior (2001), ambos historiadores nordestinos, lançam uma reflexão sobre o processo de aprisionamento do imaginário construído a respeito da região nordeste.

Apresentamos também o sociólogo cearense Arruda (2005), que estabelece o sertão como um lugar de produtividade, propício ao crescimento e desenvolvimento.

Optamos por estes autores, pois embora suas obras pertençam a períodos diferentes, estas esboçam a diversidade cultural e a amplitude de interpretações dadas à região do sertão nordestino. Em alguns momentos, acrescentamos a esse diálogo alguns trechos da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1979), como forma literária de interpretar o sertão e também por ser mencionada e acompanhada pelos autores aqui referidos. Ao final, destacamos Martins (2006) que por um viés subjetivo relata o saber construído da experiência proveniente da relação com a natureza, ou seja, o espaço físico geográfico do sertão e o sertanejo.

Na abertura do capítulo está o exemplo de uma vertente intelectual que interpreta o que seja o sertão. A obra de cândido Portinari, *Os retirantes* (1944), com suas figuras fantasmagóricas, expressão de dor e de miséria, apresenta-nos um lugar de sofrimento, como relata Albuquerque Junior (2001) “[...] Imagens que cortam e perfuram” (p. 251). A pintura externaliza a deformação não só do nordestino, mas a decadência da própria sociedade, impregnada de uma realidade perversa. Assim, fica uma imagem cristalizada de um nordeste vítima de um outro marginalizado, fragilizado, entregue à fome e à morte. Essa designação construída a partir da arte afeta o observador de maneira emocional causando possíveis reações de: revolta, medo, preconceito, pena ou solidariedade.

Reconhecemos a dificuldade da construção deste arcabouço teórico, diante da complexidade de um mapeamento simbólico sobre o sertão, já que este proporciona infinitas linhas de interpretações. Lançado o desafio, propusemos um caminho que se faz alicerçado na escolha do aparato bibliográfico já apresentado.

Dessa maneira, não anulamos a existência de outras possibilidades de pesquisas, no âmbito acadêmico, mas consideramos esta aqui delineada e especialmente representativa para o diálogo proposto sobre o sertão.

Tomamos neste capítulo o sertão como um espaço dinâmico, constituído de múltiplos sentidos simbólicos, em que a naturalização geográfica de sua delimitação, muitas vezes predominante, cede lugar a um discurso reflexivo, no qual os aspectos históricos, sociais e culturais designam a região. Apresentamos, aqui neste trajeto, o estudo de um imaginário nacional destinado ao sertão nordestino, ao qual atribuíram diversas características. Para isso, percorreremos inicialmente um discurso sobre o nordeste para só então chegarmos ao sertão.

2.1 Veredas do nordeste



FIGURA 3 – Tela de bordado feito à mão
Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp>

Bastide (1980), em seu livro *Brasil, terra de contrastes*, apresenta um mapeamento do país especificando as regiões dessa vasta extensão territorial e suas peculiaridades. Nomeando esses diversos espaços geográficos com seus respectivos aspectos sócio-históricos em que, muitas vezes, sobressaem os contrastes ou fronteiras simbólicas que explanaremos no decorrer do texto. Este fato que não impede, mas em muitos momentos, recobre o fenômeno complexo de fusão

e incorporação de uma realidade dinâmica entre as fronteiras de cada território do país.

Para o autor, o Brasil possui um espaço constituído a partir de múltiplas diferenças sejam: geográfica, econômica ou sócio-cultural. O país além de conter uma extensa dimensão espacial geográfica, também é formado de uma territorialidade cultural complexa e dinâmica, oriunda de um movimento de construção constante das suas relações, sejam materiais ou imateriais. Tamanha diversidade proporciona um leque de interpretações de um povo e sua nação.

Podemos deduzir da leitura de Bastide (1980) que cada região ou território do país reúne elementos culturais suficientes para um estudo de campo específico, já que sua constituição tornou-se decorrente, principalmente, da influência de uma construção histórica, política e social. Considerando essa linha de pensamento, a formação de uma região como o nordeste e suas fronteiras resultam de um longo processo constituído das relações estabelecidas entre essas esferas.

O autor mostra ainda, a trajetória de um viajante partindo do litoral com destino ao interior do país, afim de apresentar os contrastes e especificidades de cada território. No litoral, segundo o relato, destacam-se as grandes cidades, onde o progresso do capitalismo se instituiu, alguns elementos caracterizam esse ambiente, como: o barulho excessivo, a atitude veloz e de impaciência em ações do cotidiano por parte das pessoas, a justificativa da pressa em detrimento de alguns instantes de descanso e, por fim, a poluição visual.

Bastide (1980) retrata a cidade urbana como um espaço preponderante a imponência do luxo, representada pelos seus altos edifícios, uma paisagem determinada pelo homem moderno que denuncia o avanço da tecnologia. Este

modelo de desenvolvimento ou crescimento demarcado que é encontrado nas cidades urbanas, representa o futuro do Brasil.

Nas pequenas cidades do interior ainda perdura um estilo de vida colonial, a imagem do passado e do tradicional são os traços que prevalecem nas relações sociais dos povoados. Neste lugar identificamos a imagem do sossego, ou seja, nas cidades interioranas não existe a urgência das pessoas em resolver qualquer situação inusitada. A maioria das famílias organiza-se pelo sistema patriarcal, as moradias apresentam um caráter rígido na arquitetura, recorrendo a um padrão nas estruturas físicas com casas térreas constituídas de várias divisões internas e ambientes delimitados. Nessa descrição específica da região do interior, percebe-se a existência desses fatores citados que simbolizam um caráter absoluto da ordem e da hierarquia significando as relações sociais das famílias sertanejas.

Essa referência feita por Bastide (1980) na descrição de um viajante, cujo percurso designa como base de partida a região litorânea para seguir ao interior sertanejo nos leva a uma visão inicial fragmentada da trajetória realizada a partir de um lugar conhecido para o desbravamento de uma região desconhecida. Trata-se de uma contraposição entre esses dois territórios, quando determina um contexto tradicional relacionado à região rural e lança outro estigma, da modernidade envolvendo a região urbana.

O autor prossegue caracterizando o nordeste, ao atribuir e distinguir alguns traços sociais na sua identificação seja no âmbito geográfico ou de algum aspecto cultural que se encontra associado ao litoral e o sertão. Conforme segue a citação:

[...] de um lado, a terra escura, pegajosa, úmida, cavada de sulcos ou embebida de água, com árvores frutíferas [...] de outro lado, um caos de pedras cinzentas cravadas em desordem no chão de argila seca, rachado pelo sol [...] no litoral, a riqueza da vegetação exuberante, de um verde quase negro [...] no sertão, a caatinga, como lhe chamavam os índios, com uma vegetação de cactos, de ervas raquíticas [...] à paisagem voluptuosa da cana-de-açúcar, em que tudo é tentação, tentação de vadiar, de dormir, de sonhar, de amar, opõe-se esta paisagem dura, angulosa, trágica (Bastide, 1980, p. 86).

Em seguimento a exposição de Bastide (1980), acrescentamos a contribuição de Lima (1999) que retoma essa reflexão e abrange os territórios do litoral e do sertão, quando destaca a permanência do registro do múltiplo sentido, compostos por dualidades, apesar de, muitas vezes, predominar uma definição universalizante. Já que os discursos que o nomeiam são construídos ao longo do tempo, em um processo dinâmico histórico-social, essa diferenciação nos significados passa a pertencer aos pólos que se contrapõem: atraso e moderno, litoral e interior, povoado e não povoado. Dessa forma, o sertão é representado pelo pólo pejorativo da relação.

Seguimos com o pensamento da autora em que procura entender a origem da palavra *sertão*. Segundo sua pesquisa, em princípio está na língua portuguesa, presente no Brasil desde o século XV, que significa lugares apartados, desertos, estranhos e incultos. Os portugueses representaram uma colonização de mercadores voltados para o mar, desprovidos de um interesse em desbravar e trabalhar com as terras do interior, pois estas não os dariam um retorno imediato no caso de um provável investimento.

A pesquisadora estabelece que o imaginário sobre o sertão se origine mais do que em oposição ao litoral, uma vez que está em contraste com a região

colonial, conforme os resquícios do período da colonização. Essa região é o espaço preenchido pelo colonizador, um mundo da ordem, instituído por instâncias de poder: a igreja e o estado. A autora explica que no início da colonização portuguesa, o sertão estava designado como um lugar desconhecido e arriscado da região agreste, distante das povoações, longe do litoral e pouco povoado, sendo constantemente associado à questão climática da seca.

A visão que liga a seca ao sertão instaura uma interpretação linear de causa e efeito das problemáticas existentes na zona sertaneja, ou seja, assumindo essa convicção, o entrave central da região é a falta d'água que gera a experiência da fome, miséria e por fim a morte. Essa naturalização utilizada como justificativa para a trágica vida no sertão nordestino torna-se confortável aos dominantes, já que anula a responsabilidade das políticas públicas e encobre o enfoque da região de fonte na produção de riqueza.

A autora revela ainda que a primeira seca no nordeste, da qual se tem registro na história, data de 1559. Ao longo dos anos, o drama da seca acabou se tornando o *bode expiatório* dos problemas da região. Essa percepção não é exclusiva de um discurso governamental, já que é reforçada na música, na literatura e, sobretudo, na mídia, ajudando a esconder as verdadeiras causas da miséria nordestina e criando estereótipos do povo da região.

Lima (1999) persiste na sua linha de estudos com o intuito desmistificar essa relação cristalizada da seca e do sertão, na qual declara que vários países estão vulneráveis a imprevistos climáticos, de ordem da natureza, como enchentes, estiagens, furacões e dentre outros. No entanto, essas situações apenas serão adversas caso o homem não estabeleça uma relação saudável com o seu ambiente. Neste sentido, a seca poderá ser um caso de calamidade, não pela escassez de

água, mas essencialmente pela falta de condições favoráveis ao desenvolvimento local nos âmbitos social, político e econômico. Essa mudança de postura, no convívio com a seca pelos nordestinos perpassa por uma atitude de responsabilidade na auto-gestão, das limitações acompanhadas por esse período climático que acomete o sertanejo.

Incluímos ao discurso da seca, a contribuição do historiador Albuquerque Junior (2001), em *A invenção do nordeste e outras artes*, obra resultante de sua pesquisa no doutorado em História, na Universidade Estadual de Campinas. Na década de trinta, alguns representantes intelectuais da literatura popular, da música e da política das oligarquias, aproveitando um momento próspero de ascensão social, instituíram que a imagem do nordeste estava vinculada, principalmente, ao retrato da seca e do deserto. Diante desse resguardo, anulavam-se a apresentação de outras características pertencentes às terras da região nordeste, ao restante do país. A partir desse recorte naturalista, alguns aspectos desse território foram omitidos ou excluídos, particularmente no que se diz respeito à sua descrição física totalitária, entre os quais estão: o verde das vegetações, a presença diversificada de animais adaptados às condições estruturais e a constante umidade encontrada nos terrenos do sertão.

O autor destaca que o fenômeno da seca no nordeste representou uma síntese reducionista da realidade local e facilitou a divulgação das condições desfavoráveis que abrangiam a região, através de uma ação estratégica provida de denúncias e enfrentamentos. Enfatiza que este espaço impregnado de desgraças e misérias foi lançado, ponderadamente, por essa classe representativa de

intelectuais, plenos detentores do saber em propagar esse discurso de caráter homogêneo.

A seca do nordeste passa a ser relatada através de uma narrativa de constante emigração de um povo, fugindo de um território seco, em busca de uma *terra prometida*. A dura trajetória de partida das terras do nordeste, pelos andarilhos sertanejos, passa a ser confortada e alicerçada na crença de que todas as dificuldades e os possíveis desalentos seriam superados, essa árdua peregrinação tem como destino final às sonhadas terras desenvolvidas do sul.

Dessa leitura, consideramos que alguns fatos da realidade do sertão nordestino confundem-se com esse discurso literário instituído, discorrido pelo autor. O desafio prevalece na compreensão das ações dos sujeitos que incorporam e elaboram tal discurso, tornando-o visível em suas relações com o ambiente. Acrescentamos a esse pensamento, os dados obtidos pelo Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico:

[...] cerca de oito milhões de pessoas deixaram o semi-árido: a metade delas com destino a outras regiões do país, em particular ao sudeste e a outra metade, para as maiores cidades do próprio nordeste (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, entre 1990 e 2001).

Albuquerque Junior (2001) constata uma outra vertente desse movimento, cuja exacerbação literária do tema folclórico que envolve a seca promove o desdobramento de um consenso, da oposição do nordeste à modernização capitalista. O autor explica que esse seguimento de alienação, quanto à significação

da seca, pressupõe que a região não seja apta à produção de riquezas, já que não possui condições estruturais favoráveis ao desenvolvimento e ao acúmulo de capital.

Tal afirmativa surge a partir das insistentes ocorrências registradas sobre o fenômeno, em que se sobressaem: o auxílio aos flagelados, a ação na redução da fome, a adaptação dos retirantes as novas formas de trabalho e a detenção de mecanismos públicos ou privados no desenvolvimento de estratégias ao combate à seca. Dessa forma, ao esboçar que a modernização capitalista estaria distante do nordeste da seca, revela que a identidade regional do território nordestino está alicerçada nas [...] dicotomias Deus e Diabo, tradicional e moderno, mar e sertão, inferno de miséria, fome, seca e profecia de salvação” (Albuquerque Jr., 2001, p. 120).

Somos tomados a reconhecer que essa referência pejorativa atribuída à imagem do nordeste, em que o autor destaca especificamente o período da década de trinta, ainda perdura no século XX. Poderíamos citar além da literatura discutida neste capítulo, outro instrumento detentor do poder de comunicação em massa na nossa sociedade, a mídia televisiva. Esta persiste em abarcar a região nordeste de maneira estigmatizada, através de estereótipos, mostrando apenas a violência, a fome, a seca, os cangaceiros, os coronéis e os beatos da atualidade. Na sua maioria, as reportagens realizadas sobre a região, não procuram descobrir um enunciado novo, mas permanecem com o objetivo alienante de reafirmar o contexto, já exaustivamente estabelecido e conhecido, ou seja, ao nordeste são atribuídas todas as negatividades do país.

Entendemos a partir da companhia de Albuquerque Junior (2001) e Lima (1999), uma discussão reflexiva compartilhada sobre o nordeste, no qual se provoca um enfoque, não mais polarizado e estigmatizado, mas, sobretudo, crítico e integral

da região. Uma observação que alcança os aspectos construtivos e que aprecia a heterogeneidade e diversidades vinculadas ao recorte espacial do nordeste.

O questionamento seria: que barreiras impedem que o nordeste seja visto, não só como espaço de problemáticas, mas acima de tudo reconhecido como um lugar manifesto de inventividade e criatividade de um povo? Tragamos também a responsabilidade para nós, nordestinos, da perpetuação desse lugar cristalizado de súplicas e denúncias da miséria. Arriscamos afirmar que a junção desse olhar da mídia e a predominância da nossa postura submissa, em plena modernidade, reproduzem uma realidade transparente de desigualdades sociais, econômicas e culturais existentes e atravessadas no país.

Logo após esse caminho de contemplação pela compreensão de um complexo território existencial, chamado nordeste, através dos autores historiadores aqui mencionados, encerramos este tópico com a seguinte mensagem:

É preciso, pois, continuarmos amando a história, não pelas certezas que nos revela, mas pelas dúvidas que levanta, pelos problemas que coloca e recoloca; não porque os resolve e descobre inscrita em si mesma, uma panacéia teleológica que viria a suprimir todos os nossos sofrimentos. A história não é um ritual de apaziguamento, mas de devoração, de despedaçamento. Ela não é bálsamo, é fogueira que reduz a cinzas nossas verdades estabelecidas, que solta fagulhas de dúvidas, que não torna as coisas claras, que não dissipa a fumaça do passado, mas busca entender como esta fumaça se produziu (Albuquerque Junior, 2001, p. 317).

2.2 Sertão: terra dos caboclos, do trabalho e das profecias



FIGURA 4 – Mapa do nordeste e sub-regiões: zona da mata, agreste, sertão e meio-norte.
Fonte: www.educacional.com.br

Enquanto Bastide (1980), Lima (1999) e Albuquerque Junior (2001) descrevem a região nordeste apresentando alguns aspectos geográficos, históricos e culturais, continuamos o mesmo percurso neste tópico, já que o nordeste e o

sertão não estão dissociados, e para serem compreendidos permanecem em estreito contato. Tomamos como referência teórica novamente Bastide (op.cit) para explanar sobre a formação étnica da civilização sertaneja e o desenvolvimento econômico do sertão, acompanhamos o estudo acrescentando Farias (1997) e concluímos o tópico com o conteúdo sobre a produção de riqueza e trabalho no sertão, através de Arruda (2005).

Bastide (1980) expõe que a origem da formação dos povos da região litorânea e sertaneja, deve-se também ao desenvolvimento econômico do nordeste. No litoral surge o cultivo da cana-de-açúcar, envolvendo a produção e fabricação do açúcar, que contribuiu para o desdobramento da agricultura comercial. O autor lembra que a cana-de-açúcar surgiu no país, ainda no período das capitâneas hereditárias, e que inicialmente os investimentos no cultivo foram implantados em algumas cidades da região sul, especificamente no litoral. Enquanto nessa região o resultado do plantio não foi satisfatório, na região nordeste, em território também próximo ao litoral, durante o ano de 1584, constavam 108 engenhos, destacando-se o maior número de canaviais nos estados da Bahia e de Pernambuco.

No século XVII, o desenvolvimento dessa cultura canavieira propagou-se pelos estados: da Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão e o Pará. O êxito da economia canavieira sucede, dentre alguns fatores, devido ao solo fértil do litoral nordestino adequado ao plantio e pela proximidade geográfica do oceano atlântico como ponto estratégico que facilitava o escoamento do produto. Dessa maneira, a necessidade de uma mão-de-obra abundante para o trabalho exaustivo nas lavouras explica o predomínio principal da civilização negra, na época.

Em seguimento ao estudo do autor sobre o nordeste, encontramos no sertão também um espaço de produção e exploração econômica. Na região

acentuou-se o cultivo pastoreio, através da criação de gado. O homem do sertão, que é reconhecido como caboclo do interior ou vaqueiro, caracteriza-se pelo seu espírito aventureiro e nômade, recoberto por uma visão de liberdade devido ao tipo de trabalho que realiza “[...] o homem da caatinga nada tem diante de si, a não ser um céu imenso implacavelmente [...] erra o gado em rebanhos, tudo incita à partida, à marcha, ao galope a cavalo, em luta contra o espaço” (Bastide, 1980, p. 87).

Diante do desenvolvimento econômico no nordeste, através da cana-de-açúcar no litoral e do pastoreio do sertão, o autor destaca duas civilizações distintas: a civilização do sertão, constituída pelo caboclo, ou vaqueiros livres e a civilização da cana que se compõe predominantemente pela raça negra. Apesar desta diferenciação, ambas civilizações tornaram-se complementares e adequadas de acordo com as situações de interesses econômicos envolvidos. Bastide (1980) cita como fato desses laços ajustados:

[...] a civilização do sertão é a continuação ou conseqüência da civilização da cana. O engenho necessitava de bois para a alimentação do pessoal, para o transporte das canas (Bastide, 1980, p. 88).

A civilização indígena, juntamente com o branco, especificamente os portugueses colonizadores possibilitou a formação da população sertaneja, e a junção dessas raças originou uma população mestiça, nomeada de caboclos e que tinham a ocupação principal de cultivar a terra e cuidar do gado. A presença dos índios, no século XVII, na constituição dos povos sertanejos mostra-se marcante nos costumes encontrados por todo nordeste, apresentamos alguns deles: a rede de

dormir, utensílios domésticos utilizados para alimentação, pinturas faciais, a mandioca, o instrumento musical maracá e suas crenças.

A partir dessa inserção no mundo indígena, pontuamos que esses costumes permanecem ativos na sociedade atual, seja aquela oriunda da zona rural ou da região urbana. Reconhecemos o aspecto de transcendência destes hábitos da cultura indígena para outros espaços, já que em períodos anteriores somente pertenciam e eram autorizados a delimitados grupos sociais. Além desses caracteres, recordamos que o estado do Ceará, apropriado de um extenso território sertanejo, também apresenta várias cidades designadas por nomes de procedência indígena, pois provavelmente foram os índios, os primeiros habitantes dessas terras nordestinas conquistadas.

Farias (1997) relembra que no ano de 1500 residiam nas terras do Brasil aproximadamente quatro milhões de índios. O autor ressalta que atualmente existe apenas cerca de pouco mais de cento e cinquenta mil índios no país, impressiona a redução exorbitante dessa população. De acordo com o historiador essa constatação decorre do extermínio absoluto desses sujeitos pelos colonizadores, que impuseram aos índios várias situações de vulnerabilidade: doenças, miséria, expulsões de suas moradias, exploração do trabalho, desfacelamento das famílias e a destruição da identidade cultural.

A conquista das terras dos sertões nordestinos desdobrou na domesticação dos índios que acabaram na dependência de grandes senhores de terra. Os coronéis detentores de muitas propriedades rurais utilizavam-se da mão-de-obra indígena para interesses particulares, ou como pistoleiros para lutarem nos confrontos entre as famílias para apropriação de novas terras, ou tirando proveito da mão-de-obra nos trabalhos da lavoura e do pastoreio.

Atentamos com essa leitura, que o surgimento do sertão não procedeu de maneira única e linear, lembrando que a nossa referência não se limita apenas ao espaço geográfico, mas também à compreensão dos sujeitos desse lugar. A própria história apresenta-nos fatos repugnantes que, muitas vezes, são esquecidos ou intencionalmente encobertos para legitimar a ação da classe dominante. A construção do sertão perpassou por um processo de muito sofrimento, através de vários conflitos e entraves sejam culturais, econômicos ou sociais enfrentados pela força do poder entre colonizador e colonizado. Compartilhamos da denúncia realizada por Farias (1997):

O processo de colonização do Ceará, como de todo o Brasil, apresentou um grande perdedor: o índio, vítima de uma insana destruição física e cultural. Os nativos sobreviventes à ação civilizadora e cristã do branco, acabaram marginalizados pela sociedade, passando a ser denominados de caboclos como se simplesmente tivessem desaparecidos por completo ou miscigenados com outros grupos étnicos – vindo daí o falso mito de que o Ceará era um estado onde não havia índios (Farias, 1997, p. 34).

Compreendemos que o povo indígena instituiu na história do Brasil um lugar de vítima, por vivenciarem tantas situações de submissão à classe dominante. Contudo, tratamos de esboçar o conteúdo colocado por Farias (op.cit) em que cita uma postura ativa e consciente dos índios, através da Guerra dos Bárbaros, registrada no século XVII que durou 30 anos. Um fato histórico, exemplo da dura resistência indígena à colonização, em que se uniram alguns índios, na maioria pertencente aos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte para enfrentar os invasores que destruíram as suas terras, os brancos.

Até aqui, lembramos que o desenvolvimento econômico da região sertaneja estendia-se essencialmente ao pastoreio com a criação de gado e contou com a participação na mão-de-obra indígena, entre outras, no exercício da função de vaqueiros, de acordo com Bastide (1980) e Farias (1997). Ao falarmos do trabalho no sertão remetemo-nos a Arruda (2005) que proporciona alternativas de produção, na formação de riquezas nesse território, além das referidas até o momento.

Arruda (2005) destaca a importância das riquezas produzidas através da criação de gado, o cultivo do algodão e na extração de óleos vegetais. Assim, a economia da região semi-árida, que abrangia o sertão e o agreste, conforme área referida na figura 2, não se reduzia apenas à exploração da pecuária e do algodão. O autor acrescenta que até a primeira metade do século XX, grande parte da mão-de-obra estava voltada para a produção de alimentos, que também era aproveitada para o extrativismo vegetal e o plantio do algodão, enquanto que o restante, uma pequena parcela dos trabalhadores, estava ocupada nas fazendas de gado.

Por volta dos anos 50, segundo Arruda (op.cit) a indústria que estava presente no semi-árido, geralmente localizada nas capitais, centralizava a sua produção no setor têxtil, no curtume e no beneficiamento de oleaginosas. Também ressalta que embora a presença desse desenvolvimento capitalista representasse uma opção ao mercado de trabalho, a indústria da época não gerava um número significativo de empregos para a região.

Em relação ao desenvolvimento econômico, Arruda (op.cit) explica a existência do baixo fluxo monetário que cerca as atividades econômicas do semi-árido, no entanto esta verificação não designa a ausência ou a impossibilidade de produção de riquezas. O pesquisador cita alguns aspectos singulares presentes no

mercado econômico que proporcionaram a acumulação de capital, limitada a uma minoria detentora do poder local: pouca inversão, que seria o investimento de capital com fins especulativos, e a predominância das relações de trabalho não-capitalistas. Destaca-se como exemplo dessas relações a prática de *parceria*, o autor informa:

[...] o sistema de parceria no semi-árido se alicerça na cessão de terras feita pelo fazendeiro à família do agricultor, que aí constrói sua moradia, planta milho, feijão, mandioca e cria aves e animais de pequeno porte. Pelo uso da terra, o trabalhador remunera o fazendeiro com a terça, quarta ou meia parte da colheita (Arruda, 2005, p. 50).

No desenvolvimento da pecuária, também se verificou um sistema de remuneração não-capitalista, a *quarteação*, em que se estabelecia em que a cada quatro bezerros nascidos um seria destinado ao vaqueiro, como moeda de pagamento pelos serviços prestados nas fazendas. O autor registra esse procedimento nas relações de trabalho, entre o vaqueiro e o dono da fazenda, iniciando no período colonial, estendendo-se até a época republicana e perdurando, com alguns resquícios ainda no século XX.

Retomamos o destaque realizado por Bastide (1980), anteriormente, sobre a economia do nordeste estar centrada principalmente na pecuária e na cana-de-açúcar, sugerindo-se uma partitura no desenvolvimento da economia nordestina, onde no litoral estava o cultivo da cana e no sertão predominava a criação de gado. Sobre essa polaridade, acrescentamos o pensamento de Arruda (2005) que chama a atenção para o imaginário social construído historicamente e relaciona algumas palavras identificatórias da pecuária e da cana-de-açúcar. A criação do gado está

simbolizada com cunho pejorativo: pobre, secundário, atrasado, irracional e frouxo. Enquanto no cultivo da cana classifica-se: rico, principal, moderno, racional e rígido.

O autor, ao delinear o mapeamento das produções econômicas existentes no semi-árido sertanejo, estabelece que o sertão ostenta um espaço pleno de crescimento e desenvolvimento, já que ali ocorre uma constante movimentação das relações sociais de trabalho, oscilando a expressividade de alguns setores, em determinados períodos. Essa percepção privilegia um pensamento que vai ao encontro a idéia do nordeste miserável, que na verdade:

[...] é uma construção que escamoteia a dominação exercida sobre o sertanejo, pois, ao naturalizar a miséria dos homens, nega a formação de riquezas produzidas ao longo dos anos [...] (Arruda, 2005, p. 43).

Seguindo o nosso percurso de analisar alguns aspectos sejam econômicos ou culturais, sobre a interpretação do sertão nordestino, apresentamos na seqüência a descrição da relação de proximidade construída entre o sertanejo e a natureza. Tornando assim o ambiente do sertão um lugar decifrável, que passa a ser significativo pela sabedoria popular. Os autores trabalhados, até este momento, citaram constantemente alguns fenômenos predominantes na região, especificamente de origem climática, como a seca. Então, o dia de chuva passaria a representar um evento extraordinário de acalento, ansiosamente aguardado pelo sertanejo. A propósito das respostas sobre as questões que envolvem o exato período e por qual motivo as chuvas caíram nas terras do sertão, não estaríamos autorizados a concebê-los. Assim, delegamos essa missão aos profetas do sertão.

Retomamos Bastide (1980) quando descreve que o sertanejo nada tem diante de si, pode contar apenas com o infinito das terras e o imenso céu com raríssimas nuvens. Apesar dessa imagem de infinitude, o autor esboça que na região rural alguns moradores prevêem o tempo, definindo as estações do ano através da seca do verão e às escassas chuvas do inverno. Essa previsão acontece devido à observação a alteração das plantas e dos animais silvestres. Conforme lembra:

O canto dos pássaros, sua maneira de fazer os ninhos, os saltos das cabras, a invasão de bandos de lagartos ou de formigas vermelhas, os locais que as aranhas escolhem para tecer suas teias, o mês em que o ipê floresce tudo é pretexto para adivinhar o que trarão os meses vindouros, tudo é promessa de esperança ou anúncio de tragédia (Bastide, 1980, p. 93).

Martins (2006), psicóloga e pesquisadora do sertão cearense que enfatiza a importância do fenômeno da profecia, informa que há dez anos ocorre no sertão central do Ceará o encontro regional dos profetas populares, na cidade de Quixadá (CE). Estes sujeitos são reconhecidos e respeitados como verdadeiros mestres da natureza, já que com os seus trabalhos de previsibilidade conseguem amenizar, de certa maneira, as angústias do sertanejo.

A autora explica que os profetas do sertão obtêm um diagnóstico do tempo através da leitura de sinais transmitidos pela natureza, conforme registro no Anexo C, observando a direção do vento e o acasalamento dos bichos, dentre outros fatores. O aspecto relevante dessa experiência, conforme propõe a autora, é que a profecia no ambiente do sertão assume uma ação estratégica de

sobrevivência imaginária psíquica, instituída para lidar com o sofrimento da fome e da morte.

Entendemos que a profecia favorece uma ação providencial, de ordem psíquica, para o enfrentamento das situações de privações vivenciadas pelos sujeitos. Deste modo, possibilita outras formas de viver e pensar no sertão, deslocando o sertanejo de uma postura submissa para uma outra, produtora de novos sentidos. O suposto controle do tempo, quando se prevê o dia de chuva, promove o estreitamento dos laços sociais, permeando uma sensação de harmonia como as brincadeiras das crianças nas chuvas, o encontro dos vizinhos para conversar sobre as previsões, a mobilização para a produção e o consumo de alimentos. Percebemos a riqueza da profecia, pelo fato desse fenômeno, permeado de traços culturais e religiosos, ser o resultado genuíno de uma construção subjetiva, do próprio sertão.

Estudar um ambiente, como o sertão nordestino implica conhecer também o sujeito que ali vive e o transforma culturalmente, assim o espaço e o sujeito não se constituem de maneira isolada, estratificada. Esse sujeito sertanejo apropria o seu lugar e o anuncia. É o que pretendemos apresentar no capítulo seguinte.

3 SER (TÃO), SERTÃO... DO DITO AO VIVIDO



FIGURA 5 – Cangaceiro (Adelmir Martins, 1999).
Fonte: <http://www.pinturasbrasileiras.com.br>

Ao longo deste capítulo, procuramos lançar o desafio de abordar, através da bibliografia selecionada, a concepção do que seja historicamente o sertanejo, no seu contexto cultural. Deste modo, estabelecemos um percurso que dialoga sobre os mitos existentes no sertão nordestino e as suas possíveis identificações. Inicialmente, antes de explorarmos os tipos históricos, que representam o homem do sertão, apresentamos o conceito de cultura, por acreditarmos ser um instrumento essencial para compreensão desse sujeito. Assim, o trajeto começa com uma abordagem sobre a temática da cultura através de Geertz (1989) e Laraia (2005). Prosseguimos com o texto inicial do capítulo, acrescentando o conceito de

identificação, através da referência de base psicanalítica com Laplanche (1998), por significar a relação instituída entre a imagem ideal e a realidade.

Tomamos algumas referências históricas predominantes no sertão nordestino, especificamente do gênero masculino, como ponto de partida, para desdobrar esse discurso proposto sobre o sertanejo. Delimitamos o estudo voltando-nos para alguns homens e suas representações que viveram e fizeram o lugar do sertão: Lampião, Coronel e Padre Cícero. O imaginário social destes personagens, no espaço do sertão oscila e transita por alguns tipos identificatórios, sendo incorporados, respectivamente, na dicotomia: herói x bandido, protetor x carrasco, pai x político.

Acabamos por explorar a trajetória destas referências culturais e históricas pelo sertão, com a análise dos seguintes autores: Boris (2002) e Facó (1983) que descrevem alguns aspectos identificatórios de Lampião com o sujeito do sertão; enquanto, Vilaça (2003) apresenta, através de um aparato cultural, a influência do coronel na história do nordeste e, por fim, Farias (1997) que trabalha a presença forte da religião na vida do sertanejo, na figura de *Padim Ciço*, Padre Cícero Romão Batista.

Buscamos com essa proposta uma delimitação simbólica da estratificação da sociedade nordestina, no contexto rural. Já que de acordo com fatos históricos analisados *Lampião* representou a voz do povo, de uma maioria excluída e marginalizada, a classe popular rural. Enquanto o *Coronel* procurava proteger o poder unificado, principalmente no âmbito econômico de uma minoria, a elite. Enfim, a influência da religião, representada por *Padre Cícero*, que assumia uma postura de mediação entre essas duas classes que muitas vezes tinha o propósito implícito de detenção também de poder, por parte do líder popular religioso.

Acreditamos que os personagens citados favoreceram a elaboração da figura masculina sertaneja. Lembramos que se trata de um estudo realizado através de um recorte de pessoas pertencentes a história que, com suas características peculiares, marcaram o tempo e o espaço do sertão nordestino.

Ao tratarmos essas representações históricas como alicerces na constituição cultural sertaneja, evidenciamos o conceito de cultura, com o intuito de favorecer uma melhor compreensão de como esses personagens foram significativos, especificamente no território do sertão.

3.1 Cultura: o sentido atribuído ao lugar

Logo após termos apresentado, no capítulo anterior, uma reflexão a acerca do ambiente sertanejo, situamos o objetivo de estudar, a partir desse momento, o homem do sertão e algumas de suas singularidades. Como cita Geertz (1989) ao resgatar o pensamento Max Weber:

[...] o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa (Geertz, 1989, p. 4).

Para conhecermos esse sujeito, apresentamos o conceito de cultura, a fim de iniciarmos o traçado delimitado no desenho desse homem sertanejo. Geralmente, a tradição cultural permeada entre as gerações acaba por condicionar determinados padrões de pensamento em relação aos grupos sociais. Contudo, Laraia (2005) estabelece que a cultura não permanece estática, pois está propícia a uma dinamicidade, que transgride o tempo e o espaço, até então cristalizados. Segundo o autor, a transformação que é mobilizada pela cultura e pela qual os grupos sociais são afetados indica a ruptura de um olhar reducionista, que pressupõe e delimita uma classificação universal para determinados contextos. Essa percepção é conveniente ao nosso estudo, por tratarmos o contexto do sertão nordestino como lugar de constantes mudanças.

Consideramos essa abordagem inicial sobre cultura, de Laraia (2005), que a identidade do sertanejo foi construída a partir de um ambiente social que deixou suas marcas e acabou por revelar um sujeito capaz de significar subjetivamente um lugar e a sua história.

Pressupomos um homem marcado pelo seu passado e disponível às outras perspectivas no tempo presente e futuro. Dessa maneira, os traços culturais tradicionais e contemporâneos apresentam-se impregnados por uma relação dialética permanente, cujo resultado permeia uma constituição inacabada desse sujeito sertanejo.

Pensar na constituição do sujeito como um processo inacabado, não anula a necessidade essencial de alguns mecanismos psicológicos, para sua sobrevivência e saúde psíquica. Estes contribuem, dentre outros aspectos, para a referência de segurança e maturidade, na conduta dos sujeitos nas suas relações do cotidiano. Assim, com embasamento na psicanálise, destacamos o termo

identificação, para definir esse processo de constituição do sujeito. Laplanche (1998) expõe o conceito como sendo:

Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (Laplanche, 1998, p. 226).

Entendemos que diante dessa internalização e incorporação de imagens e recordações permanecem alguns resquícios psíquicos no processo de história de vida do sertanejo. Esse passeio pelo mundo do sertão e as suas representações, oriundas desse processo identificatório, nos permite compreender algumas das dificuldades, virtudes e também as singularidades que transitam entre o real e o imaginário do discurso que tenta nomear o que é o *ser sertanejo*.

A seguir, propomos um percurso que traça o tipo masculino sertanejo, apresentado nesse recorte, através de personagens históricos que se encontram na base da formação cultural do sertão.

3.2 Lampião, coronel e padre Cícero: personagens na história do sertanejo

Facó (1983) nos conta que Virgolino Ferreira da Silva nascido em 1898, na vila São João do Barro Vermelho, atual cidade de Tauapiranga no sertão de

Pernambuco, era popularmente conhecido por Lampião e chegou a comandar uma tropa de duzentos homens que invadiam cidades no interior nordestino. Viveu durante dezoito anos na vida do cangaço, seu esconderijo sempre foi o sertão nordestino. O historiador destaca que Lampião não foi o primeiro cangaceiro, mas tornou-se o de maior destaque nacional, as notícias de suas batalhas travadas no nordeste chegaram ao conhecimento das outras regiões do país, sendo também objeto de várias reportagens na imprensa internacional. Em 1931, o jornal *New York Times* o descreveu como o Robin Hood da Caatinga.

De acordo com o autor, o cangaço surge do desdobramento de várias rebeliões causadas pela insatisfação da população sertaneja, que foi explorada e desalojada de suas terras pela seca e pelos grandes latifundiários, além de serem submetidas a regime de trabalho praticamente escravo. Desses movimentos populares citamos como exemplo Canudos e Caldeirão que foram símbolos de luta por reivindicações de transformações dessa realidade pautada no sofrimento do homem sertanejo.

A revolução de Canudos durou de 1893 a 1897, no Estado da Bahia. Movimento de cunho social e religioso, que aconteceu devido à grave crise econômica e social em que encontrava a região na época, historicamente caracterizada pela presença de latifúndios improdutivos. Tal situação foi agravada pela ocorrência de secas cíclicas, de desemprego crônico e pela crença numa salvação milagrosa, que pouparia os humildes habitantes do sertão dos flagelos do clima e da exclusão econômica e social.

Facó (1983) lembra ainda que o movimento popular messiânico de 1926, ocorrido no Estado do Ceará, o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, era liderado pelo Beato José Lourenço, cuja ideologia determinava que os integrantes

trabalhassem em favor da comunidade e recebessem uma quota por produção. Em 1934, sem a proteção de Padre Cícero e por cada vez mais conseguir adeptos, a classe dominante considerou o movimento uma ameaça aos seus interesses e conduziu a invasão e a destruição do Caldeirão.

Tal discurso sobre o cangaço, leva-nos a verificar que o nordeste e o nordestino carregam o estereótipo da valentia, de homens primitivos e bárbaros, alheios à civilização. O cangaceiro é tomado como símbolo da luta contra um processo de modernização ao lutarem contra os correios, arrancarem fios de telégrafo e trilhos de trem e por fim enfrentarem os agentes do Estado. Essa interpretação pejorativa apresenta-se destituída de qualquer conteúdo social, minando a solidariedade popular existente no movimento e a predominância da narrativa de combate à pobreza do povo sertanejo.

Por outro lado, Boris (2002) enfatiza que alguns traços culturais, dentre os quais destaca a questão da honra, da moral e da bravura, são características encontradas na identidade masculina. Para justificar essa análise, informa que na região nordeste, prevalece o mito do herói sertanejo *Lampião*, que carrega uma identificação, ora do bem, ora do mal, ou seja, sendo definido em muitos momentos históricos como diabo e em outro como anjo protetor da sua região. O valor pejorativo, de cangaceiro atribuído ao personagem é da ordem do poder da elite e das regiões interioranas do nordeste, que se sentiam ameaçados pela conduta transgressora de lampião. Enquanto isso, a idolatria de herói advém do outro pólo, a classe popular, uma maioria da população sertaneja amarrada às condições de vulnerabilidade social. O autor lembra a figura de Lampião, no imaginário popular do nordeste:

Lampião é o arquétipo do cangaceiro independente. Sua trajetória foi marcada por um imaginário social e semântico que fez dele um bandido de honra, um bandido romântico, um bandido social ou um herói canônico, primitivo da revolta. Misto de deus e do diabo, ele é o bandido popular, rebelde de cada um. No palco da crueldade que seria historicamente o sertão, o cangaceiro ocupa sem dúvida um papel primordial. Ora anjo, ora diabo, ele é o espaço de identificação, a encarnação simbólica da violência dos pobres contra a violência dos ricos – o imaginário da fome servindo de pano de fundo à culpabilidade mesclada ao medo (Lins apud Boris, 2002, p. 41).

A partir dessa imagem de Lampião construída no sertão, Boris (2002) cita que é possível reconhecer alguns traços dessa identificação no homem urbano das cidades nordestinas, talvez pela origem da maioria da população cosmopolitana provir da zona rural. Segundo o psicólogo, o modelo do homem corajoso, de força física e de valentia viril, vinculado à figuras controladoras e autoritárias que habitam o imaginário social, ultrapassou os limites da região rural nordestina e ocupou a sociedade moderna.

Poderíamos citar como exemplo do cangaço na atualidade o Movimento dos Sem Terra, que agregados em grupos organizados mobilizam-se a fim de apoderar-se, por meio muitas vezes da força física, de propriedades particulares ou públicas. Contudo, existe a justificativa que essa manifestação representa uma reivindicação pela justiça social, em benefício dos excluídos socialmente.

Entendemos com a leitura de Boris (2002) que na atualidade os espaços, sejam estes urbanos ou rurais, passam por transformações, principalmente no que se refere aos valores culturais. As ações, do comportamento humano, vistas como tradicionais, confundem-se entre as atitudes do sujeito contemporâneo que busca freneticamente adequar-se às condições exigidas pela modernidade.

Pensamos na figura de Lampião e reportamo-nos às festas juninas, uma tradição mantida pela maioria das cidades sertanejas. A representação do

cangaceiro encontra-se presente nas coreografias das quadrilhas, em que se procura materializar os trajes originários, como as roupas de couro e portando um armamento simbólico. O período do São João destaca-se pela festividade, genuinamente uma manifestação folclórica, contudo verificamos que a representação de Lampião, nas quadrilhas juninas, muitas vezes carrega uma conotação cômica, que designa um sentido depreciativo da imagem histórica desse homem sertanejo.

Consideramos significativa a história de Virgolino, o Lampião, neste módulo, já que buscamos traçar um caminho subjetivo para compreender alguns referenciais, com os quais o sujeito sertanejo construiu a sua identidade. Destacamos a seguir, através de Ferreira (1999), um pequeno trecho da entrevista cedida por Lampião, quando este estava de passagem pelo Estado do Ceará:

Sempre respeitei e continuo a respeitar o Estado do Ceará, porque nele não tenho inimigos. Nunca me fizeram mal e, além disso, é o Estado de Padre Cícero. Como já disse, tenho a maior veneração por este santo sacerdote, porque é o protetor dos humildes e infelizes, e, sobretudo porque há muitos anos protege minhas irmãs que moram em Juazeiro. Tem sido para elas um verdadeiro pai. Convém dizer que eu ainda não conhecia o Padre Cícero, pois esta é a primeira vez que venho a Juazeiro (Ferreira, 1999, p. 242).

Outro personagem importante para a história do sertão nordestino – o coronel – é referência para a imagem masculina. Exercendo domínio econômico, social e político sobre a maioria da população rural sertaneja, pois é o grande senhor, proprietário de terras. A partir dessa relação de poder, está fundada a prática do coronelismo na região rural brasileira e que ainda se encontra presente,

atualmente, sob nova roupagem no sertão, com o poder nas mãos de pequenos grupos que possuem domínio político e econômico.

Vilaça (2003) considera o coronelismo um fenômeno enraizado na sociedade brasileira e passa a analisar a trajetória dessa figura política reportando-se ao período colonial. Segundo o autor, na Europa do Século XVI existia um mercado consumidor dos produtos tropicais provenientes das terras férteis do Brasil. Assim, Portugal exercendo a sua função de colonizador tendo objetivos econômicos transferiu para a colônia uma estrutura capaz de regular a vida social e suas ações. Durante esse período de exploração, em que se delegaram poderes a pequenos grupos que representavam os interesses da coroa portuguesa, surgiram os latifundiários, os quais o autor nomeia pai simbólico do coronel.

No Brasil colônia os chefes políticos eram senhores absolutos de seus escravos e viviam cercados de agregados, dentre os quais estavam os integrantes de suas milícias privadas. O latifúndio, lugar de produção econômica, era núcleo de poder e espaço de socialização da população, tornou-se o centro da vida social brasileira e estabelecia com o povo uma relação ambígua de afetividade e dominação. Incluímos nessa linha de pensamento Holanda (1995), ao relatar que essa conduta de poder absoluto da aristocracia rural estava vinculada à própria história política da monarquia no Brasil:

Na monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, que monopolizava a política, elegendo-se ou fazendo eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando (Holanda, 1995, p. 73).

De acordo com Vilaça (2003), quanto a apropriação do poder na sua região, o coronel do sertão liderava as pequenas cidades do interior, como também algumas fazendas, através de uma centralidade na economia local e por representar a referência de prosperidade, no acúmulo de terras e empregados. Por mais de dois séculos as relações sociais foram sustentadas no interior do nordeste pelo coronelismo. Os coronéis são retratados como representantes da oligarquia-mercantil que também controlava o poder público em benefício dos seus interesses particulares.

O autor lembra que no período republicano o coronelismo estava presente no cotidiano da zona rural nordestina e perpassava o seio da família, o trabalho e as estruturas de poder político. Assim, de acordo com Vilaça (2003), que é antropólogo e pesquisou o apogeu e o declínio do coronelismo no nordeste, o coronel é um produto do seu meio e do seu tempo, já que utiliza com maestria todos os recursos da linguagem e de toda a força dos valores construídos e desenvolvidos pela sociedade rural sertaneja.

Conforme Vilaça (2003), a representação do coronel apresenta-se imbricada à imagem de força e de poder, ao cabra-macho que manipula e domina suas mulheres, possui uma valentia que institui a sua honra em mandar matar e violentar qualquer sujeito, seguindo os critérios próprios de justiça. O coronel é o chefe em um sistema social, se faz às vezes de um juiz, de delegado, de prefeito e outros, e para exercê-los com destreza, deve ser homem de personalidade forte. Outra característica lembrada pelo autor, é que no âmbito da política, os coronéis reconhecidos como chefes políticos exerciam o poder de manipulação e inibição sobre o território eleitoreiro, a fim de barganhar votos para suas causas individuais.

O antropólogo relembra que o sistema político brasileiro foi, durante muito tempo, estruturado a partir do coronelismo. Desde o colonialismo, conforme retratado anteriormente, a ação do coronel foi fundamental para a estruturação da sociedade e teve extrema significância na construção do imaginário social brasileiro. Na atualidade, destacamos que as práticas políticas do coronelismo sobrevivem graças à ação de seus herdeiros, presentes nos populistas. Vilaça (2003) ressalta a problemática da cultura do coronelismo que perdura na sociedade brasileira:

Sempre houve eleições para os cargos de prefeitos das menores cidades, para as Câmaras de Vereadores, Assembléias Legislativas e para o Congresso Nacional. O favor e o paternalismo continuaram as moedas de voto fundamentais nesses espaços (Vilaça, 2003, p. 220).

Entendemos, a partir dessa discussão sobre o coronelismo, que no sertão nordestino e na maioria das cidades situadas na zona rural, encontram-se vestígios dessa estrutura social e política. O poder local sustenta-se por apadrinhamentos, em que se estabelecem relações de dependência entre a população sertaneja menos favorecida e os proprietários de terras, assim como entre a primeira e os políticos da localidade. O paternalismo apresenta-se encoberto pelas relações sociais do sertão, pela prática cultural exacerbada do assistencialismo regida e mantida pela esfera pública e privada.

Acrescentamos aos representantes de força e poder, até aqui citados, a influência da religião, como um aspecto de referência na história de vida do sertanejo. Para David (2003), seguindo o pensamento de Freud, a religião supre a antigos anseios da humanidade: o desejo pelo pai, a procura de defesa aos

empecilhos encontrados na realidade. A ilusão sustenta a religião, que preconiza a crença, ou seja, algo que não precisa se confirmar, mas que essencialmente mantém uma esperança, uma promessa de que aquilo que inquieta e causa sofrimento ao sujeito será superado. O autor pondera que:

[...] toda religião propõe uma explicação completa da vida. Mas só propõe. O desamparo permanece. Foi por isso que Freud pôde concluir que toda necessidade religiosa retorna à necessidade do pai (David, 2003, p. 55).

Em outras palavras, David (2003) esclarece que a ilusão não desencadeia necessariamente um erro ou uma alienação, mas é decorrente de uma organização psíquica interna, assim ela se deriva das fantasias inconscientes pertencentes à cada sujeito. A idolatração de uma figura dominante masculina, na religião, traz serenidade e uma ordem imaginária ao caos encontrado no contexto cultural.

Freud em sua obra *O futuro de uma ilusão* (1927), sugere que o homem troca na religião o real pelo ilusório. Trata-se de um passe de mágica para suportar os entraves da vida, assim procura-se na religião a figura do pai na infância, procura-se preencher o vazio, causado pela ausência paterna. Essa proteção tão idealizada acaba por amenizar o sentimento de angústia, que é proveniente de um desamparo infantil.

Pelo viés psicanalítico, a religião é identificada como um fenômeno essencial ao processo civilizatório, pois a civilização não se estabelece exclusivamente pela internalização das ordens concretas à sobrevivência, mas se inicia e se mantém pela busca da satisfação do sujeito quanto aos seus ideais.

Porém, essa ilusão apresenta-se fascinante em detrimento da vida real, dos fatos presentes, uma vez que permeia a religião, aliena o sujeito e é constituída por uma crença.

De acordo com o pensamento freudiano, a religião destaca-se como um fator tóxico ao sujeito que propicia um prazer e que tira o senso da realidade, esse processo alienante é definido como neurose:

A neurose é um estado em que os sintomas são expressões simbólicas de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromisso entre o desejo e a defesa (Laplanche, 1998, p.364).

Seguindo esse caminho, propõe-se que a religião é modelada pela ilusão, carregada de traços neuróticos e além desses fatores, também se deriva da imaginação e do desejo de um prazer existente no sujeito. Então, chegamos à posição de um conhecimento que classifica a manifestação religiosa, na realidade, como uma patologia emocional.

Dessa discussão sobre o sentido da religião na vida do sujeito, acrescentamos Alves (1988), que denega esse lugar de enfermidade psicossocial atribuído à religião. O autor afirma que a religião possibilita a realização de uma mágica do que há de mais primitivo no sujeito, nela a atividade psíquica modifica a realidade, tornando-a mais harmoniosa. Os aspectos lúdicos, presentes na religião, permitem ao sujeito ser ativo na sua história e significar situações internas conflitantes, externalizando-as por um meio socialmente reconhecido, através do princípio do prazer:

O princípio do prazer é um dos princípios que regem o funcionamento mental, a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução (Laplanche, 1998, p. 364).

Concordamos com Alves (1998), quando considera a religião como um mundo que o sujeito constrói para a expressão plena da sua imaginação criativa e saudável, pois o equilíbrio psíquico se consolida quando o sujeito permite-se imaginar, fantasiar e transformar o que lhe é vivenciado.

A religião é um fenômeno, no qual predomina uma atitude de ruptura com uma realidade prevista e dominada, possibilitando uma ação transformadora fora do alcance material e visível. Assim, Alves (1998) em defesa da religião como instrumento social, instituído de imaginação e ludicidade, cita um discurso de Nietzsche, inicialmente identificado como avesso às questões religiosas:

Realmente, é amargo para minhas entranhas que eu não vos possa suportar nem nus nem vestidos, ó homem de hoje. Tudo que é inadmissível no futuro e tudo o que já fez os pássaros fugitivos tremerem de pavor. Certamente devem ser mais confortáveis do que a vossa realidade. Porque falais assim: somos inteiramente reais, sem crença nem superstição, sóis estéreis, a vós faltam a fé, mas quem quer que tivesse de criar também teria seus sonhos proféticos e seus sinais vistos nos astros e teria fé na fé. (Nietzsche apud Alves, 1998, p.167).

Entendemos após esse diálogo delineado entre David (2003), Freud com as idéias de *O futuro de uma ilusão* (1927) e Alves (1998), que há várias formas de

se interpretar a religião entre as ciências humanas, no entanto o fato que se encontra-se na verificação do quanto a religiosidade popular, tão presente no sertão nordestino, apresenta uma solidariedade e crença coletiva, ilusória ou criativa. Acreditamos que essa manifestação religiosa popular possibilita ao sujeito que alcance a sua significação e identidade ocupando um lugar como membro de um determinado grupo social. Citamos aqui, como exemplo desses grupos sociais, a romaria.

Consideramos Certeau (2002) ao afirmar que as manifestações populares religiosas são um dos eventos que estruturam e resgatam o homem a descobri-lo diante de sua capacidade de deixar fluir suas infinitas potencialidades de existência na sociedade, pois isso decorre das artes de fazer e de inventar o cotidiano, recorrendo a pequenos prazeres, quase invisíveis. O autor destaca que as expressões encontradas nas romarias, através dos cantos, orações e vestuários são equivocadamente interpretados como uma manifestação passiva e submissa. Na realidade, mostram uma face inventiva, criativa, expansionista e barulhenta. As festas brasileiras em devoção aos santos milagrosos continuam atraindo multidões que chegam das romarias.

Verificamos que o discurso teórico traçado anteriormente sobre religião encontra-se tão próximo do fenômeno verificado nas romarias do sertão cearense, que segundo Facó (1983) chegam a mobilizar anualmente cerca de um milhão de pessoas. No sertão identificamos um religioso popular que é reconhecido pelo título de padrinho da grande população sertaneja, idolatrado como aquele que protege e ampara os romeiros que saem em peregrinação, estes sendo representados na sua maioria por nordestinos da zona rural. Esse personagem, que fez a história e a

cultura do sertão central do estado do Ceará, apresenta-se imbuído no imaginário social, ora designado como santo, ora como figura paterna.

Tomamos outra referência de relevância ao processo de identificação por qual atravessa o sujeito sertanejo. Encontra-se presente na vida do sertão, o nome do Padre Cícero Romão Batista, líder religioso que teve uma participação ativa no ambiente rural do interior do estado do Ceará, no final do século XIX. A população sertaneja o elegeu como sacerdote milagroso e chefe político local que induziu os seus seguidores a vê-lo como uma figura emblemática, detentora imensurável de um poder religioso e político.

Segundo Facó (1983), no município do Crato, situado na região norte do Estado do Ceará (localizado a 562 km da capital), no século XIX, Padre Cícero era o protagonista de um momento histórico na região, liderava manifestações populares, através de romarias, em que a maioria da população rural aderira. O sacerdote agregando tanto poder acabou por ser chefe político local, vice-governador do Estado, deputado federal e extremamente venerado pela população que o considerava milagroso.

Destacamos que no processo histórico ficou cristalizada a imagem do religioso, *Padim Ciço*, que representou a mão de força, o desejo de reivindicação e de transformação, da população marginalizada do sertão. Neste sentido, talvez seja por esse motivo que até a atualidade, a sua história mobiliza multidões em procissões com destino a Juazeiro do Norte, localizada a 570 km de Fortaleza (CE), onde está o monumento de 25m de altura.

Facó (1983) enfatiza a peculiaridade do fenômeno religioso que acontece na cidade de Juazeiro do Norte, pela força da população devota, em sua maioria sertaneja, para canonizar inoficialmente a figura de Padre Cícero. A população

nordestina reconhece-o e legitima-o como santo, independente do parecer positivo ou negativo da Igreja católica em consagrá-lo.

O sujeito sertanejo, através da religião, constrói novas formas de manifestação e expressão sócio-cultural, já que consideramos a romaria, exemplificada aqui com a de Padre Cícero, como um espaço que transparece uma ação também política. Acreditamos que um peregrino ao se lançar ao desafio de caminhar vários quilômetros com uma casa simbólica de madeira sobre a cabeça, está anunciando os seus privilégios e deveres de cidadão, que possui o direito a uma moradia digna, mas que também deve mobilizar-se para consegui-la.

Consideramos que o sertão e a religiosidade popular, como as romarias, nos apresentam uma teia de símbolos culturais, em que os rituais são construídos e modificados permanentemente pela ação da própria comunidade. A religiosidade popular, como a de Padre Cícero, nos ensina o seu caráter universalista que se apropria de uma capacidade ampla de acolher diferentes narrativas do povo sertanejo. Desta forma, a romaria compõe um sistema de comunicação que proporciona ao romeiro entrar em contato e conhecer a sua própria cultura, reiventando-a com os recursos que dispõe.

Pensamos nessas perspectivas históricas para compreendermos o homem sertanejo, ao lançarmos uma discussão sobre as figuras do Lampião, do Coronel e do Padre Cícero, por se tratarem de referenciais próximos ao conhecimento da população nordestina, um saber que abrange as diversas classes sociais, pertencentes às zonas urbanas e rurais.

4 AS MUDANÇAS DE SENTIDOS NO TRABALHO



FIGURA 6 – Vendedor de frutas (Tarsila do Amaral, 1925)
Fonte: <http://www.tarsiladoamaral.com.br>

No capítulo que segue procuramos analisar as dimensões simbólicas investidas no trabalho, de acordo com os autores selecionados: Morgan (1996), Albornoz (2002), Arendt (2005), Nolasco (1993), Nabuco (1999), Tamayo (2003) e Kuster (2003). A temática deste apresenta-se percorrida como um instrumento social de transformação, em que o homem, através dele, modifica o seu meio e as suas relações.

A partir dos capítulos apresentados anteriormente, entendemos que o sertão cearense está imerso no contexto processual histórico e cultural, por isso acaba também influenciado pela história e desenvolvimento das cidades urbanas. Assim, embora em determinadas localidades da zona rural ainda predomine o cultivo da terra e da atividade artesanal, o homem sertanejo mostra-se com suas ações que já se encontra envolto por uma cultura maior, do sistema capitalista.

Pensamos, a partir de Nolasco (1993), que a sociedade ocidental reconhece e valoriza o sujeito, através da sua atividade, da sua acumulação de capital e da sua produção. O autor coloca que o ofício é a primeira marca de masculinidade, de referência para a construção do homem adulto, o modelo padrão imposto culturalmente pela sociedade, uma vez que oferece um “status” de poder e independência para o sujeito. O trabalho representa o exercício do poder, um lugar de rigidez que serve como parâmetro para o comportamento masculino. Há uma presença autoritária, que reproduz os valores do contexto do qual ele faz parte.

Destacamos que na zona rural nordestina o homem é responsável pelo trabalho na roça, que inclui a comercialização do produto e administração do dinheiro arrecadado. Assim, o agricultor detém o controle sobre todo o processo de produção, desde a escolha do que plantar até a venda da colheita. Através da sua atividade no roçado o sujeito sertanejo consolida seu papel de poder, enquanto autoridade maior no ambiente de trabalho e nas relações familiares.

Nolasco (1993) destaca que no mundo capitalista, os homens geralmente são socializados de maneira opressiva, quando negam os seus limites, dispensam a própria liberdade omitem a sua história de vida, desejos e sonhos. Todo esse sacrifício para manter-se adaptado ao sistema. O sujeito passa a ser valorizado pela sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso e iniciativa. Na

contemporaneidade, estamos diante da glorificação do trabalho e da dominação deste sobre o homem.

Lembramos que no sertão encontramos vestígios da relação entre produção e consumo na dinâmica da atividade econômica da agricultura, que é constituída por um caráter familiar. Os membros da família sertaneja destinados ao cultivo da terra participam direta ou indiretamente de todo processo de valorização da atividade na roça, já que este ocupa um status superior ao dos afazeres domésticos, geralmente exercido pelas mulheres. Neste sentido, a produção na roça adquire um valor dominante e determinante, a partir do momento que estabelece a rede de consumo e determina os outros serviços conseqüentes do plantio na terra, como o preparo, a conservação e por fim a comercialização do produto.

Esse panorama apresentado até aqui nos remete a traçar o caminho dos primeiros passos da construção da idolatria do trabalho, seja no ambiente rural ou urbano. Nabuco (1999) apresenta a passagem de mudança, através das revoluções industriais. Entre o século XVIII e XIX, período da primeira revolução industrial, aconteceram importantes manifestações que resultaram na criação das primeiras organizações sindicais e o surgimento de diversas instituições.

No início do século XIX, segundo Nabuco (1999) o mundo passou por profundas mudanças, das quais se destacam o surgimento da energia elétrica, indústria automobilística, entre outras. Diante dessas descobertas, que gerariam um comportamento de consumo exacerbado na sociedade, esse período torna-se o momento do ápice do desenvolvimento e da solidificação do capitalismo. O autor ressalta que, atualmente, na terceira revolução industrial e tecnológica – fase designada por alguns autores - com o avanço tecnológico que afeta o campo

político, econômico e social, a sociedade apresenta sintomas de regressão social e decrescimento, uma relação dialética que se funde, sob o domínio do capitalismo.

Anterior ao período da Revolução Industrial, citada pelo pesquisador, o mundo, aqui em específico os países do ocidente, atravessou um percurso histórico longo e de mudanças profundas, em relação ao sentido atribuído ao trabalho. Assim, inicialmente, destacaremos uma reflexão acerca da origem da palavra e alguns fatores que colaboraram para a compreensão de como esta seja concebida, na atualidade.

Albornoz (2002) ressalta que na linguagem popular ou cotidiana, a palavra *trabalho* está instituída de múltiplos significados, apesar de ser uma ação elementar na vida do sujeito, a sua definição transita dependendo do contexto. De acordo com o seu discurso, pode ser designada de emoção, de dor ou obrigação e da ordem de um esforço repetitivo. Em outro momento, também significa a transformação de um objeto natural em uma forma cultural, uma obra que estabeleça um reconhecimento social.

No contexto rural a palavra trabalho assume uma significação ambígua, pois lhe é atribuído o sentido de tarefa árdua e necessária para a sobrevivência do homem sertanejo. Apesar desse valor de dever ou encargo, este também designa a sensação de satisfação e de reconhecimento social, principalmente pelo fator de transformação, citado anteriormente por Albornoz (2002). O sujeito sertanejo seja na agricultura ou no artesanato, através de suas atividades, modifica o objeto na sua forma natural para uma outra, cultural.

Na língua portuguesa, a palavra trabalho se origina do latim *tripalium*, um artefato utilizado na agricultura para bater no trigo, no trato do cereal. Então, o que predominou na literatura, segundo Albornoz (2002), é a conotação do trabalho como

meio de tortura, que estaria presente aproximadamente até o século XV. Na Grécia antiga, o cultivo da terra era considerado uma atividade própria aos guerreiros e estava relacionada ao ritual divino, da fertilidade da terra, um culto aos deuses. A essência não é transformar ou explorar a natureza em favor dos interesses mundanos do homem, mas tornar mais sólida a ligação deste com as suas crenças.

A concepção de trabalho, tratada por Morgan (1996), destaca-o como propriedade fundamental do homem, é através deste que podemos transformar o ambiente. Essa transformação é associada à uma liberdade, com a qual os sujeitos têm acesso à uma reflexão crítica das suas ações, na sua relação com o trabalho, indo dessa maneira em oposição a uma postura alienante. Esse pensamento lança a ideologia de uma sociedade futura mais justa, equilibrada nas esferas da política, do social e da economia, um novo contexto ideal de convivência, construído pela mão do trabalhador.

Arendt (2005) discorre acerca da condição humana e suas atividades fundamentais, estas inerentes à qualquer sociedade, pois são condições básicas que o homem necessita para a sua sobrevivência. Neste sentido, a autora propõe a distinção, entre: labor, trabalho e ação. O labor corresponde ao que o homem não tem propriedade, que é o seu processo biológico. Nessa atividade humana, o corpo trabalha de maneira passiva, seguindo os ritmos da natureza, com o objetivo final de sobrevivência. Portanto, essa atividade não se institui de um sentido, ou perpassa por uma reflexão crítica do sujeito. Esse homem, diante desse contexto, não possui o poder da criação e muito menos da transformação.

O trabalho é aquele que transforma a matéria, a mão humana produz um objeto, reconhecido socialmente. De acordo com Arendt (2005), o trabalho colabora para a independência do homem sobre o seu produto, sendo responsável pela sua

produção, mas possuindo o poder de usá-lo de acordo com os seus desejos. Esse processo não se passa de maneira alienada, já que empreende uma dinâmica entre o fazer, o criar e o transformar. A ação é o exercício da palavra, única atividade de domínio exclusivo do homem. O diálogo é primordial para a sobrevivência humana individual e coletiva, passeando pela ética, pelo social e pela política, cita-se a atividade dos intelectuais e as suas pesquisas que pertencem ao espaço da ação. Então, o pensamento é o instrumento essencial dessa atividade, a fim de favorecer as condições básicas da sobrevivência de qualquer sistema social e político.

A laborização, como afirma Arendt (2005), predomina nas relações do homem com as suas atividades na sociedade contemporânea, que contempla apenas um objetivo maior, a sobrevivência. A rotina e o modelamento permeiam o sentido do trabalho no sistema capitalista. A criatividade, a liberdade e a reflexão ética e política são aspectos raros no cotidiano do trabalhador.

Entendemos que essa verificação de certo esvaziamento no sentido do trabalho é resultado, principalmente, do fato de que a preocupação maior do sujeito está em conseguir acumular valores, para o objetivo final de consumir. Mediante essa postura apática de uma maioria, a autora coloca que se trata de um aniquilamento, em que há o desinteresse em alcançar uma satisfação ou de adquirir um novo conhecimento. Diante destas considerações, segue a citação:

Se durante a vida um homem limitou o seu trabalho a ser somente instrumento de reprodução dos valores e da dinâmica do mundo que o cerca, ele deixou de interagir com a diversidade deste mundo. (Nolasco, 1993, p. 64).

Por sua vez, Tamayo (2004) compreende que através do trabalho, o sujeito percebe-se valorizado e reconhecido socialmente, pelo que faz e produz. Nessa dinâmica, o trabalho agrega os desejos desse sujeito, que oscilam entre o aspecto da sobrevivência e a auto-realização. Ocorre, portanto, um reforço da identidade e de socialização. Assim, esse sujeito em ação acaba por transformar o ambiente e se construir enquanto pessoa, o que acarretará na sua estruturação psíquica. Entretanto, para essa condição favorável, de acordo com o autor, o homem deve dominar o seu trabalho.

Acrescentamos ao diálogo, o fenômeno que tem ocorrido principalmente na região nordeste, envolvendo as relações de trabalho, é o da sustentabilidade. O desenvolvimento sustentável segue o critério de que a sociedade não se organiza de “cima para baixo” de maneira hierárquica, centralizada e autoritária. O enfoque desse movimento é o reconhecimento pleno da pluralidade social, através de um processo dinâmico, que envolve um espaço de liberdade conquistado pelos cidadãos para as tomadas de decisões. A sustentabilidade possui como alicerce, essencialmente a autonomia da comunidade para resolver seus problemas e designar alternativas criativas.

O pensamento de Kuster (2003) estabelece que o desenvolvimento sustentável, em que o homem vive em harmonia com o seu ambiente, só seja viabilizado com a democratização e a auto-organização da sociedade, pois sua estrutura é constituída por um processo coletivo e de maneira descentralizada. Conforme a autora, a partir da sustentabilidade, as mobilizações sociais e transformações acontecem internamente, com o fortalecimento e a potencialização da comunidade local.

Ilustramos neste módulo algumas singularidades da relação homem-trabalho, que passa por transformações ao longo de um processo histórico, em que o ofício é apropriado pelo sujeito, ao longo de sua vida, como um instrumento de socialização, além de também favorecer alguns subsídios para construção da sua identidade. Essa perspectiva abrange diversos contextos sociais. Lembramos que no sertão nordestino o trabalho possui um valor simbólico de força e de vida, esse sujeito sertanejo procura identificar-se, através de uma ocupação, geralmente no cultivo da terra e agora aqui explorado, especialmente, na atividade do bordado conforme tratado na pesquisa de campo.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia de uma pesquisa representa o caminho traçado pelo pesquisador com o propósito de mapear a realidade demarcada como objeto de estudo. A investigação acontece diante de uma escolha para exploração ao problema de representação social. De acordo com Minayo (1994):

[...] a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador (p. 16).

Antes de apresentarmos a nossa metodologia, destacamos que o objeto desta pesquisa refere-se à relação do sujeito sertanejo com o seu trabalho, após a migração da agricultura para a atividade do bordado. Assim, diante da delimitação do problema, determinamos para o título desta pesquisa, *Do arado ao bordado: mudança no trabalho do homem do sertão*, cujo fenômeno foi investigado no interior do sertão cearense.

O objetivo geral da pesquisa posto foi o de *Analisar a trajetória da mudança da atividade rural para uma outra manual artesanal vivenciado pelo homem sertanejo*. Esse objetivo geral trata de um olhar mais abrangente, uma amplitude na investigação que procura mapear o objeto de estudo na sua totalidade. Para que se atenda esse objetivo é necessário especificar ou aprofundar alguns aspectos singulares ao fenômeno, já que essa trajetória implica em um desdobramento de ações e percepções por parte do sujeito.

Dessa maneira, definimos na seqüência os objetivos específicos: 1) *compreender o valor atribuído ao trabalho na região sertaneja*. Pretendemos ressaltar a questão do trabalho e os sentidos que sugestiona o homem do sertão, e de que maneira a concepção do trabalho, atravessado por um processo histórico, chega à região; 2) *descrever o contexto sócio-cultural que leva o sertanejo a migrar para a atividade do bordado*. Com este objetivo buscamos entender as influências culturais que constituem esse sujeito na atualidade, com os seus entraves e satisfações e 3) *verificar como esse sujeito se significa no lugar do trabalho feminino*. Com a pesquisa de campo estabelecemos uma escuta ao mundo subjetivo desse homem, onde inevitavelmente foram expressas suas: angústias e desejos, diante desse lugar do trabalho, predominantemente feminino. Para acatarmos esses objetivos estabelecemos os passos metodológicos, percurso que apresentaremos a seguir.

O método de pesquisa utilizado para chegarmos e captarmos a linguagem dos nossos colaboradores, com suas crenças e valores, revelou-se um percurso instigante. Uma vez que, a curiosidade investigativa nos mobilizou a continuar buscando e construindo o *corpus* da pesquisa. Minayo (1994) descreve que o trabalho de campo:

[...] é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano (p. 64).

Mediante a experiência e contato com o ambiente natural e os sujeitos colaboradores, a pesquisa bibliográfica intensamente explorada nos causou alguns encontros e desencontros, em relação à articulação da literatura com o estudo do fenômeno. Essa descoberta de percepções, proporcionada pelo diálogo estabelecido entre pesquisador-colaborador, tendo sido vivenciada unicamente por aquele que se encontra imerso e embevecido pela investigação, será descrita posteriormente nas análises e considerações. Contudo, essa elaboração só configurou-se devido à técnica escolhida para explorar, compreender e descrever a realidade social. A abordagem qualitativa favoreceu esse alicerce fundamental para o acesso ao estudo de campo.

Minayo (1994) descreve a abordagem qualitativa como um método de investigação, no âmbito das ciências sociais, que se depara com uma realidade construída por um universo de significados, crenças, valores e atitudes. Desta maneira, a realidade pesquisada corresponde às relações sociais de difícil quantificação, que estabelece uma observação e análise mais além de uma simples redução à variáveis. O objeto de estudo na investigação qualitativa permite uma compreensão ampla do pesquisador do fenômeno social envolvido. Assim, optamos pela referência qualitativa para esse estudo, considerando que nos deparamos com aspectos subjetivos na pesquisa. Segundo o pensamento da autora:

[...] a abordagem qualitativa aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equação, médias e estatísticas (Minayo, 1994, p. 22).

Seguindo essa concepção, Bauer (2002) destaca que a abordagem qualitativa “[...] evita números, lida com interpretações das realidades sociais” (p. 23), e tem como objetivo compreender os discursos dos sujeitos e priorizar os dados descritivos. Como nesta pesquisa optamos pelo trabalho com os discursos dos entrevistados, que posteriormente serão analisados em associação com referencial teórico, a abordagem qualitativa revela-se o método investigativo mais apropriado.

Desta forma, associado a esta ferramenta, segue um parâmetro científico, o nosso estudo de campo está alicerçado na Antropologia, uma ciência que procura compreender o homem na sua totalidade: as manifestações culturais e a relação do sujeito com o seu meio social. Por esse motivo utilizamos também como recurso a abordagem antropológica para conhecer a história do trabalhador no sertão, que exerce a atividade do bordado como sua principal fonte de renda.

5.1 A etnografia: uma singularidade da prática investigativa

Marconi (1998) destaca que a antropologia define o homem como ser pensante biológico, produtor de culturas e participante da sociedade. Essa perspectiva globalizante do sujeito, conforme propõe a autora, acaba agregando dois campos de estudo: antropologia biológica ou física, que enfatiza a estrutura anatômica e os processos fisiológicos, as origens e evolução das populações humanas e a antropologia cultural, a qual selecionamos para conduzir o nosso estudo de campo. Esta, em específico, abrange o homem como produtor e

transformador da natureza, em determinado tempo e espaço considera as manifestações culturais como expressão da existência humana.

A antropologia cultural é marcada pela observação direta do comportamento e das relações entre os sujeitos em determinado espaço social, buscando compreender os processos de aprendizagem, os meios de aquisição e transmissão de uma cultura, considerando-a um caractere singular que só a condição humana é capaz de desenvolver e propagar. A antropologia cultural, segundo Laplantine (1983) “[...] está atenta às descontinuidades, salienta a originalidade de tudo que devemos à sociedade à qual pertencemos” (p. 121).

Embasados a partir do método qualitativo e da abordagem antropológica cultural, optamos pelo estudo etnográfico com o propósito de precisar a investigação da relação do homem sertanejo e seu percurso até chegar à atividade artesanal do bordado.

Para Laplantine (1983), a etnografia possibilita uma imersão total no campo, em que o pesquisador, portador de uma escuta e um olhar atento ao conhecimento da cultura demarcada, apresenta uma descrição densa dos dados observados. Desta forma, imersos na cultura procuramos revelar as dimensões simbólicas do contexto observado, através de uma visão microssociológica. Assim, seguindo o pensamento do autor resgatamos o microssociológico, ao considerar que todo objeto de investigação é digno de ser estudado, o estudo do cotidiano. Contudo, deve-se destacar a relação intrínseca com a totalidade do campo social, já que todas as variáveis são alvos de análise e observação do pesquisador.

Baztán (1995) estabelece que a etnografia é o estudo descritivo da cultura de uma comunidade, uma investigação cultural que se constrói através de um longo

processo de trabalho no campo, tal estudo decorre de uma observação participante e da análise dos dados observados.

Em conformidade com o autor, ressaltamos que percorremos todo processo etnográfico, por ele indicado como critérios essenciais para o êxito na construção de uma pesquisa etnográfica. Destacamos que não necessariamente optamos por seguir uma seqüência rígida dos procedimentos sugeridos, pois reconhecemos que essas etapas estão interligadas, associadas e essa junção resulta na totalidade do estudo etnográfico.

a) Demarcação do campo - a eleição do grupo social a ser estudado, a elaboração de um projeto e a sua viabilização. O nosso projeto foi submetido ao processo de qualificação da Universidade de Fortaleza, em dezembro de 2007, sendo habilitado a prosseguir como instrumento de pesquisa.

b) Preparação e documentação - preparação física e mental do pesquisador e organização de uma pesquisa documental bibliográfica. A revisão bibliográfica é uma ação constante em todo o desenvolvimento da nossa pesquisa, determinamos alguns conceitos para o estudo bibliográfico e que posteriormente seriam alicerce para a entrada no campo.

c) Investigação – entrada no campo, os colaboradores, registro de dados e a observação participante. A experiência e as percepções adquiridas no campo serão relatadas no capítulo posterior, onde

procuramos apresentar todo cotidiano, com os detalhes que nos foram visíveis.

d) *Conclusão* – preparação para o fechamento da pesquisa, a ruptura do campo e os seus possíveis vínculos afetivos. A pesquisa etnográfica requer uma participação e observação nos rituais dos sujeitos, assim essa ruptura do pesquisador com o campo suscita um amadurecimento profissional.

Consideramos os autores Minayo (1994) e Laplantine (1993) como referenciais quanto as orientações à observação-participante no campo. O acesso ao grupo de homens bordadores ocorre através da observação-participante, onde nos dispomos a uma relação face a face com o agente social, ou seja, uma vivência de contato com o fenômeno que flui e se constrói no momento da efetiva observação. A partir disso, um desafio é lançado ao pesquisador que se percebe envolvido na imersão desse processo etnográfico, podendo tanto modificar o ambiente pesquisado como ser conturbado pela atual experiência do contexto observado. Minayo (op.cit) enfatiza a eficiência da utilização da técnica de observação participante na pesquisa qualitativa:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (Minayo, 1994, p. 60).

Na observação participante realizada no campo de estudo delimitado pela nossa pesquisa, optamos por desenvolver uma participação em que na postura de pesquisador observamos atentamente os rituais, os eventos do cotidiano, os diálogos, o ambiente, enfim procuramos captar algumas formas de expressão cultural que cercavam o fenômeno. Os detalhes dessas observações serão apresentados no capítulo posterior dedicado às considerações do campo.

As visitas aconteceram nas residências dos colaboradores, contudo esse momento da investigação só foi possível após um acesso *a priori* aos sujeitos, em que ficou estabelecido uma ligação deles com os estudos que seriam concretizados através da nossa presença, como observadores.

Concordamos com Laplantine (1993) quando questiona a existência de uma neutralidade absoluta do pesquisador no seu campo de estudo e afirma a importância da impregnação causada pela proximidade com a realidade social. O autor coloca a necessidade eminente de uma imersão por parte do pesquisador no contato e participação na investigação do fenômeno social.

Se é possível, e até necessário, distinguir aquele que observa daquele que é observado, parece-me, em compensação, impensável dissociá-los. Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos. Ou seja, nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como se dariam se não estivéssemos ou se os sujeitos da observação fossem outros. Aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com seus interlocutores (o que reprime ou sublima, o que detesta ou gosta), é parte integrante de sua pesquisa (Laplantine, 1983, p. 170).

Para atendermos as condições sustentadas pela pesquisa etnográfica optamos por acompanhar um procedimento específico para realizarmos as entrevistas, elementos fundamentais da pesquisa qualitativa aqui selecionada.

5.2 A técnica no campo: um instrumental na construção da pesquisa

O procedimento utilizado como técnica para nossa investigação segue as considerações referidas por Gaskell (2002), em que apresenta alguns passos fundamentais para que se alcance êxito no processo de contato com campo da pesquisa, através da coleta de dados. Assim, expomos alguns pontos nos quais articulamos a teoria com a prática, pois aproveitamos a explicitação do autor e relacionamos à nossa experiência da investigação, explicando de que maneira cada aspecto conceitual foi trabalhado na apreensão dos dados.

Segundo Gaskell (op.cit), em uma pesquisa a entrevista qualitativa favorece a produção de conhecimento, já que ocorre um processo social, uma troca de idéias e significados entre o entrevistador e o entrevistado. Esta interação é decorrente das informações obtidas e também do aprendizado construído, a partir das conversações. O principal instrumento de trabalho na entrevista qualitativa é a palavra, que no entendimento do autor, é por meio dela que ocorrem as percepções e produções de sentido, necessárias em outro momento para compreensão e análise dos dados adquiridos nas entrevistas.

Entre os métodos de entrevistas, optamos pela entrevista individual ou de profundidade como instrumento para a coleta de dados, a qual é definida por Gaskell (2002), por possuir uma disposição semi-estruturada, organizada a partir de um tópico-guia, em que o entrevistado responde as questões de maneira mais livre, podendo ir além das respostas, através das perguntas especificadas. O autor entende que a entrevista individual ou de profundidade:

[...] fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações (Gaskell, 2002, p. 65).

Gaskell (2002) enfatiza que o diferencial ao se trabalhar com o tipo de entrevista semi-estruturada é que não se utiliza de perguntas ou questionários padronizados, desta forma possibilita que o entrevistado responda as indagações com os seus próprios termos, de acordo com o seu contexto cultural. Na entrevista de profundidade “[...] as perguntas são quase que um convite ao entrevistador para falar longamente com suas próprias palavras e com tempo para refletir” (p. 73).

As entrevistas seguiram como guia, o roteiro ou tópico-guia, formulado de acordo com os objetivos da nossa pesquisa. Esse tópico-guia funciona como ponto de partida para a discussão, um esquema lógico para auxiliar no desenvolvimento das entrevistas e suas transcrições. Gaskell (op.cit) ensina que, no tópico-guia, a disposição dos temas poderá ser alterada, de acordo a necessidade da entrevista, possibilitando com isso que o colaborador fale espontaneamente sobre o assunto abordado.

Os temas que elaboramos para o tópico-guia, constante no anexo A estão vinculados ao objeto de estudo desta pesquisa e funcionaram como suporte,

de grande relevância, para que pudéssemos investigar os objetivos específicos. Assim, organizamos o nosso guia em três temas: 1) A descrição da trajetória de mudança do trabalho, da agricultura ao bordado; 2) O valor atribuído ao trabalho, hoje; 3) O sentido de viver no ambiente do sertão, do tradicional ao contemporâneo. Ressaltamos que esse tópico-guia surgiu após a experiência da leitura do referencial teórico com as várias visitas realizadas *a priori* ao campo.

Durante a condução das entrevistas seguimos as orientações de Gaskell (2002), quando inicialmente o colaborador foi informado sobre a importância da pesquisa e a relevância da sua participação para o desenvolvimento desta. Acrescentamos o agradecimento por haver concordado em contribuir nos estudos e solicitamos a autorização para o uso do gravador. A garantia quanto ao sigilo das informações foi formalizada com a apresentação da *Carta de Informação e Termo de Consentimento*, constante no Anexo B. Quanto ao término da entrevista, adotamos os apontamentos de Gaskell (2002):

Ao finalizar a entrevista, procure terminar com uma nota positiva. Agradeça ao entrevistado e garanta a ele a confidencialidade das informações. Dê a ele tempo para deixar o ambiente de entrevista, pergunte se ele gostaria de fazer mais alguns comentários agora que o gravador está desligado. Finalmente, explique como a informação será usada e talvez o andamento da pesquisa (p. 84).

As entrevistas foram realizadas nas residências dos colaboradores, onde possuem um espaço determinado para a atividade artesanal. O tempo que destinamos as entrevistas durou aproximadamente em torno de uma hora. Apesar desta observação quanto ao tempo, destacamos que não predeterminamos essa

condição de horário, já que procuramos não interromper os diálogos, para que não perdêssemos nenhuma fala que enriquecesse o nosso estudo.

Conforme esclarece Gaskell (2002), a seleção de entrevistados deve atender ao objetivo de apresentar uma amostra qualitativa, como representantes do estudo abordado em determinado contexto. Desta forma, partimos da idéia de entrevistar sujeitos, do gênero masculino, que foram agricultores e agora trabalham na atividade do bordado, residentes na zona rural do interior do estado do Ceará. Todo o processo, que nos levou até aos colaboradores da pesquisa será apresentado no capítulo posterior, que é destinado às observações oriundas da pesquisa no campo.

Sobre a delimitação da quantidade de sujeitos a serem pesquisados, Gaskell (2002) ensina que a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade. A amostragem ideal denomina o autor é aquela que permite atingir o problema investigado. Seguindo essa concepção, entrevistamos dois sujeitos que atendiam ao perfil e aos critérios necessários para participarem da pesquisa. Reafirmamos que tratamos nas entrevistas de aspectos plenamente subjetivos. Assim, no relatório de campo, averiguamos que o conteúdo coletado reuniu elementos para o objetivo proposto no estudo.

A linguagem adotada para as entrevistas, acreditamos ter sido satisfatória mediante o resultado dos diálogos que foram peça fundamental nas nossas análises. Gaskell (op.cit) ressalta que o entrevistador deverá utilizar uma terminologia, que possibilite a compreensão do entrevistado. Esse aspecto nos serviu para lembrar, quando estávamos entrevistando os bordadores, que não conseguiríamos nos fazer compreender caso adotássemos uma linguagem acadêmica, já que o nível de escolaridade dos sujeitos entrevistados era distinto do

entrevistador. Os dois colaboradores possuem o primeiro grau completo. Desta forma, durante as entrevistas procuramos conduzir as questões adaptando a comunicação de acordo com o contexto dos sujeitos, atentos à maneira como se expressavam.

Acrescentamos, ainda, que não obedecemos, durante a condução das entrevistas, à ordem estabelecida previamente para os temas no Tópico-guia, constante no anexo A. Estando este procedimento, também, em conformidade com a orientação de Gaskell (2002), quando expressa que deve haver uma flexibilidade na ordem da disposição dos temas a partir da seqüência das falas dos entrevistados. Além das orientações sugeridas pelo autor, ressaltamos que, em alguns momentos, a partir das falas dos sujeitos, fomos convocados a incluir, nas questões definidas *a priori*, outras que, certamente, possibilitaram um enriquecimento para a nossa análise.

Apropriados da coleta de dados prosseguimos para a realização da análise do conteúdo. Esse passo requer uma excelente transcrição das entrevistas, resultando em um texto de qualidade em que são resguardadas as falas originais e espontâneas dos colaboradores, conforme orienta Gaskell (2002). Aparentemente, o processo de análise dos dados suscita uma ação puramente mecânica e objetiva, no entanto, na realidade demanda do pesquisador uma postura de criatividade e sensibilidade para capturar uma palavra que, muitas vezes, aparece velada nos diálogos.

Buscamos identificar as produções de sentidos nos discursos dos sujeitos, e isto exigiu uma releitura minuciosa não apenas no material coletado durante as entrevistas, mas também dos registros decorrentes da observação-participante realizada no campo. Ao ler os registros, em determinados momentos

lembramos e remetemo-nos à cena da entrevista em que a nossa atenção estava focada também na expressão corporal dos colaboradores e das sensações ocasionadas possivelmente pelos questionamentos lançados.

Em síntese, para efetivarmos a análise dos dados realizamos uma leitura dos dados, na sua totalidade e procuramos destacar os temas ou representações que são fundantes à finalidade e o desenvolvimento da pesquisa. A eleição desses temas gerou uma ampliação do conhecimento seja para confirmar ou não o arcabouço teórico, articulando-o com o contexto cultural.

Posteriormente, seguimos à construção das considerações. Nessa fase final, procuramos revisar a bibliografia e todo o material até então adquirido, já que os sujeitos entrevistados e a nossa vivência no campo proporcionaram diversos recursos para uma compreensão e interpretação do fenômeno, antes apenas sustentado por alguns pressupostos teóricos.

6 RELATO ETNOGRÁFICO



FIGURA 7 – Foto Zona Rural: Sítios Novos

Considerando o pensamento de Laplantine (1993) de que a pesquisa etnográfica requer uma descrição densa, uma vez que exaure o objeto de estudo, no qual o cotidiano, o ambiente e as relações devem provocar uma observação atenta e minuciosa do pesquisador, propusemos apresentar inicialmente algumas características da região pesquisada e certa singularidade cultural de seus moradores. O motivo pelo qual traçamos, em princípio, uma abrangência geral do campo, deve-se ao fato de que estávamos numa fase especificamente exploratória, em busca de um conhecimento prévio até chegarmos aos nossos evidentes colaboradores, os agentes do fenômeno estudado.

6.1 O lugar: Sítios Novos de casas amarelas e conversas nas varandas

Passamos neste momento a observar e registrar o ambiente onde moram os nossos colaboradores. Destacando que esse relato não se restringe apenas à uma referência às condições físicas desse lugar, mas abrange especialmente as relações subjetivas que emergem da convivência entre os sujeitos.

Situamos que o percurso aqui relatado origina-se dos registros coletados no diário de campo, instrumento este que nos acompanhou durante todas as visitas efetivadas. Nele foram documentados os fatos considerados relevantes ao desenvolvimento da pesquisa. Conforme Minayo (1994), esse instrumento é um espaço de acolhida à escrita do pesquisador, onde se pode recorrer, a qualquer momento da pesquisa para expressar suas percepções, angústias ou questionamentos. O diário de campo, portanto, representa algo singular do pesquisador, e que perpassa por uma construção pessoal. Neste estão marcados textos que mostram todos os momentos significativos, envolvendo um encontro com desconhecido, do início ao fim da pesquisa, sobre uma vivência etnográfica.

Informamos, também, que ilustramos o capítulo com alguns dados quantitativos que são oriundos de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico – IBGE, no ano de 2006. Essa estratégia propõe-se apenas a complementar o texto qualitativo aqui sustentado, para que a informação seja conduzida e transmitida de maneira clara ao leitor que não esteve empiricamente no campo de estudo.

O estudo foi realizado na localidade de *Sítios Novos*, distrito da zona rural pertencente ao município de Caucaia, situado na região metropolitana, ao norte do estado do Ceará. O termo *Caucaia* significa mato queimado, palavra de origem

indígena que surgiu devido aos primeiros habitantes do território. Estes foram reconhecidos historicamente por terem sido descobertos e catequizados por missionários no século XVIII. A cidade tornou-se município em 20 de dezembro de 1938. Atualmente, apresenta uma dimensão geográfica complexa, pois possui um extenso território litorâneo, onde se localiza a maioria dos seus distritos, tendo assim a maior população urbana. Enquanto cerca de 9,5% do território do município é rural, onde predomina a vegetação da caatinga, terras secas e com poucas moradias (IBGE, 2006).

Diante desse espaço litorâneo, as praias tornam-se atrativos turísticos, sendo fontes de recursos financeiros ao desenvolvimento local. Destacamos que no litoral encontra-se um maciço investimento no empreendedorismo imobiliário, é visível a presença de várias residências luxuosas, hotéis e pousadas freqüentadas, geralmente por temporadas nas férias escolares. Ocorre uma movimentação de carro exorbitante, pois é o meio de transporte utilizado pela maioria das pessoas que estão na região litorânea. O litoral passa a ser um lugar de passagem em que os turistas usufruem as belezas naturais e dos serviços ofertados pelo setor empresarial turístico. Durante o percurso que nos levou ao litoral, percebemos a organização desse espaço, que se tornou um atrativo visual para aqueles que visitam a região. Devido à presença de praças arborizadas, placas luminosas com mensagens diversas de boas vindas, o cuidado com a limpeza dos canteiros e a sinalização adequada das estradas, indicando os principais pontos turísticos.

Consideramos o percurso realizado à zona rural por outra perspectiva da mencionada anterior ao litoral. Inicialmente, o trajeto ocasionou-nos uma sensação de isolamento, cada vez que percorríamos a estrada não encontrávamos sinalização. Contemplamos um vasto espaço vazio, conforme adentrávamos o

interior, pois não tínhamos um parâmetro de referência. Caso acontecesse um incidente como perdermos a direção correta à comunidade de Sítios Novos, seria difícil nos localizar, pois se tratava do nosso primeiro contato com esse percurso.



FIGURA 8 – Foto criação de animais

Neste trajeto, passamos por algumas situações inesperadas como o fato de termos testemunhado vários burros enfileirados sendo utilizados para transportar mantimentos, neste caso levavam milho. Os animais eram conduzidos por um homem de idade avançada. A cena chamou nossa atenção por tratar-se de algo inusitado, esse tipo de transporte ainda permanecer na atualidade. Em outros momentos, visualizamos vários animais na estrada como cães, porcos e cavalos, desacompanhados dos seus devidos proprietários. Estes estavam em liberdade na via de tráfego, onde em princípio somente deveriam transitar veículos. As casas

apresentam um aspecto de arquitetura antiga, todas semelhantes, de estaturas baixas e cores claras, distanciadas umas das outras por pequenas plantações. O comércio estava representado por mercados de pequeno porte, localizados nas esquinas ou nos encontros de ruas.

Verificamos a ausência dos espaços institucionalizados de lazer, como as praças e as quadras de esporte, no percurso da zona rural. As crianças e jovens, sempre reunidas em grupo, ficavam nas calçadas conversando, brincando de bola e pipa nas ruas. Pareceu-nos que tudo se passava de forma lenta, quase não havia movimento de carros e as pessoas transmitiam uma tranquilidade em suas falas, na qual, aparentemente, não tinham pressa de chegar a lugar algum ou qualquer tipo de preocupação com caráter de urgência. Percebemos que a zona rural não era o foco do desenvolvimento e crescimento do município, seja por interesse de instituições públicas ou privadas.

Averiguamos que existe uma separação, um *apartheid* entre a região litorânea e a zona rural: as famílias que residem na zona urbana são reconhecidas como prósperas financeiramente, providas de uma estrutura satisfatória de moradia e de acesso aos vários serviços ligados à educação e a saúde. Do contrário, as outras são marginalizadas, sendo determinadas ou rotuladas por preconceitos pejorativos, muitas vezes associados à ociosidade e à violência. A percepção dessa diferenciação é resultado da análise das conversações e observações realizadas na comunidade visitada.

A localidade de *Sítios Novos* dista aproximadamente 25 km do centro do município, sendo uma região de fronteira com outra cidade do interior do estado, Pentecoste. De acordo com o relato da população, o distrito é oriundo de uma antiga

fazenda que existia nos anos setenta, a partir dessa propriedade foi construído esse pequeno território do município de Caucaia.

O trajeto para chegarmos ao lugarejo foi extremamente difícil, já que a estrada não era asfaltada e como descrevemos a comunidade ficava numa região afastada do centro da cidade. Esse isolamento percebido foi além da questão do distanciamento geográfico, pois constatamos também a ausência de instituições públicas dentro da zona rural, como: posto de saúde e escola. Apesar dessas dificuldades que poderiam ocasionar um espaço social apenas de sofrimento, a população construiu outras estratégias para buscar o lazer e a satisfação de morar naquele lugar, identificamos alguns espaços criativos: como a pequena igreja, o campo de futebol, as varandas das casas e o roçado.

A igreja mencionada ocupa um espaço central na comunidade. Essa era de porte pequeno e foi reformada há alguns meses com recursos da própria comunidade, além de ser utilizada como referência de localização para se chegar a outros locais. Apresentava uma estrutura bem conservada, pintada de cor amarela e rodeada por um pequeno jardim. Demonstrava ser um espaço que a comunidade mantinha organizado. Observamos alguns bancos próximos a entrada principal, já que possuía além desta, duas entradas laterais. Segundo alguns relatos, a igreja reunia as pessoas nos fins-de-semana e logo após a missa, vários jovens encontravam-se na pequena praça.

O campo de futebol improvisado de terra batida e duas traves de madeira também era um lugar onde a comunidade investia o seu lazer. Durante a semana, o público que freqüentava o espaço, que ia além da prática esportiva, era de adolescentes e jovens. Aos domingos o local passava a ser freqüentado por famílias, na qual muitas vezes, acompanhavam os homens da casa, pais ou

esposos, que jogavam pequenos campeonatos organizados pela própria comunidade. Contudo, no turno da noite os moradores afirmavam ser um lugar perigoso, muitas vezes utilizado para delitos e uso de drogas.

Identificamos que a varanda da casa era outro espaço criativo, já que proporcionava um ambiente onde algumas pessoas conversavam, trocavam experiências e compartilhavam das últimas informações sobre os acontecimentos da comunidade. Um lugar de propagação de condutas solidárias, como também de conflitos interpessoais. Algumas casas possuíam pequenos terraços, onde geralmente ao final da tarde os homens e mulheres se reuniam para algumas ações como: conversar, jogar dominó ou dama, fazer crochê e bordado.

O roçado, na comunidade feito geralmente nos fundos da casa, em um espaço físico limitado, um quintal de extensão pequena, em que era aproveitado para realizar algum cultivo. No decorrer das visitas, tivemos a oportunidade de conhecer cinco residências, em que três delas possuíam uma horta e as outras tinham uma pequena plantação de milho e feijão. Os proprietários mostravam os seus plantios com uma expressão satisfatória, demonstrando um sentimento de orgulho por terem realizado aquele trabalho na agricultura, embora, estivesse sempre presente um discurso de sofrimento em seus depoimentos. Através destes, falavam das diversas dificuldades enfrentadas, sejam atribuídas à falta de recursos financeiros ou às características do solo inadequado da região.

O perfil geral dessas famílias compreende de certa maneira, o quadro social já existente em algumas regiões da zona rural no nordeste do nosso país: prevalência de numerosas crianças, estrutura monoparental e baixa renda per capita. Observamos que há uma organização coletiva direcionada pela religiosidade, porém esta acaba por abranger algumas problemáticas sociais da localidade, em

que os moradores acabam por levar aos encontros suas dificuldades e limitações do cotidiano. Testemunhamos muitas queixas principalmente com relação ao desemprego por parte dos homens e à inexistência de uma escola próxima para as crianças, por parte das mulheres.

A decisão de se trabalhar com homens que exerciam a atividade do bordado e residiam na zona rural nos trouxe a preocupação com relação à maneira que teríamos o acesso permitido até esses sujeitos. No primeiro momento, procuramos encontrar um colaborador que fizesse o papel de porteiro à nossa entrada na comunidade. Lembramos que até esse momento éramos estranhos querendo adentrar em um espaço social distinto do que estávamos habituados a trabalhar em pesquisas. Então, finalmente, o contato firmou-se com a diretora de uma determinada cooperativa “X” de artesanato da região, que se mostrou inicialmente interessada e disponível em viabilizar o contato da pesquisadora com o território de investigação. Contudo, surge a nossa primeira dificuldade ao ingressar no campo, a colaboradora citada esteve ausente do município durante o período de trinta dias, e não nos proporcionou a mediação da entrada no campo de pesquisa. Esse fato, então, ocasionou a desistência de continuarmos a seguir por esse caminho.

A partir dessa impossibilidade, decidimos aproximar-nos de uma líder comunitária, que será identificada no nosso relato por Maria. A mesma possui livre acesso à zona rural, já que reside há muitos anos na localidade e conhece praticamente todos os moradores. No contato estabelecido, após uma breve apresentação de nossa parte, Maria colocou-se à disposição para colaborar no que fosse necessário ao trabalho. Assim, tratamos de explicar-lhe o objetivo da pesquisa e a importância da sua participação em intermediar o diálogo com os sujeitos. Após

essa ocasião de esclarecimentos sobre o estudo pretendido, conseguimos realmente pisar na zona rural e conhecer os nossos colaboradores.

Na primeira semana em que estivemos na comunidade, Maria nos acompanhou com o objetivo de nos apresentar à alguns moradores da comunidade. As visitas foram realizadas no período da tarde, tratamos de nos portar de maneira que não causasse nenhum estranhamento aos moradores com a nossa presença. Assim, procuramos ter o cuidado desde o vestuário (vestindo roupas leves e de cor clara) ao comportamento, já que nesse momento não realizamos nenhum tipo de questionamento, apenas observamos atentamente a tudo que se passava nessa experiência de contato com a comunidade. O nosso instrumento de trabalho nessa etapa foi um livro de anotações – diário de campo -, o qual imaginávamos ser fundamental para coleta de dados, reconhecemos posteriormente que sem a sua utilização não teríamos condições de apresentar um conteúdo tão denso na pesquisa. Atendemos as orientações de DaMatta (1987), em que afirma:

O pesquisador deverá anotar tudo o que lhe acontecer no decorrer do dia. Frases soltas, comportamentos curiosos, técnicas de corpo desconhecidas e acontecimentos imprevistos, o diário de campo pode atuar como uma memória social (p. 188).

Durante essas tardes, Maria nos apresentou aos nossos possíveis entrevistados, que estavam dentro do perfil da pesquisa. Logo a seguir em um tópico específico daremos maiores detalhes desse contato com os sujeitos colaboradores do estudo, os homens que trabalham com o bordado. Esse período de exploração e observação, intercalado entre três semanas, foi bastante satisfatório, pois

conseguimos estabelecer um vínculo de acesso para pesquisa e também por constatarmos a viabilização da coleta de dados.

Desta forma, após essa entrada no campo nos sentimos autorizados a prosseguir com a obtenção dos dados. A princípio conforme relatado contamos com a companhia de Maria, contudo depois de concretizada a aproximação com as pessoas entendemos que seria o momento de iniciarmos o processo das entrevistas, então partimos para trabalho sem a presença da colaboradora. Nessa ocasião de ruptura com a mediadora, percebemos que se tratava de uma situação incompreendida por parte dela, apesar de termos o cuidado de explicar logo no início da entrada no campo, como seria a sua colaboração a qual inclusive concordara de imediato. Novamente, reforçamos e agradecemos a sua participação, mas diante do desenvolvimento da pesquisa era chegado o momento de realizarmos as entrevistas, o que requeria certa privacidade aos entrevistados. Depois de resolvida esta questão, colocamo-nos no processo de construção das entrevistas.

Os locais para a realização das entrevistas foram definidos de acordo com a conveniência dos entrevistados e com a adequação de espaço físico. Na condução das entrevistas, seguimos as sugestões já mencionadas anteriormente por Gaskell (2002), quando as articulamos com os procedimentos que adotamos, quanto: a linguagem utilizada, o tópico-guia, a quantidade de entrevistados, o tempo destinado e principalmente os direitos dos nossos entrevistados em relação ao sigilo e anonimato. Ressaltamos que optamos pelo recurso de gravar as entrevistas por facilitar a escuta e a concentração do pesquisador na palavra do entrevistado.

Participamos de alguns rituais da comunidade, como uma oração que é realizada no fim da tarde, onde todas as mulheres da vizinhança se encontram em uma varanda para o momento religioso. Em algumas visitas, constatamos a

presença de imagens católicas, geralmente no ambiente da sala, logo na entrada das casas. A religião católica está presente na comunidade, através da representação de imagens como as de Padre Cícero, de Juazeiro do Norte (CE) e São Francisco das Chagas, de Canindé (CE), figuras estas simbólicas da crença e de imensa popularidade entre os nordestinos.

Por outro lado, a igreja evangélica também participa da vida social e política dos sujeitos observados. Os pastores que são os líderes religiosos ocupam uma posição de poder na comunidade, seja no aspecto social ou político que envolve a comunidade. Esses líderes exercem o papel de pai protetor, ou seja, de autoridade, pois quando surge algum problema, até mesmo de ordem familiar entre os seus agregados, como casos particulares de agressão física ou abandono de lar, esses prontamente intervêm para acompanhar a situação.

Logo que começamos a freqüentar a localidade, percebemos a forte crença da população nas suas distintas religiões. Os representantes dessa fé eram os chefes da região, respeitados e idolatrados por seus seguidores. Destacamos a importância dessas pessoas, pelo fato que logo no início da entrada no campo de estudo estávamos submetidos aos seus consentimentos para nossa permanência neste lugar. Verificamos que passamos por uma aprovação camuflada ao sermos apresentados aos líderes religiosos e também, em outro momento, ao sermos observados e talvez avaliados quando estávamos diante das imagens católicas, nas casas visitadas.

Outro aspecto observado na cultura local era o comportamento adotado pela maioria com relação à receptividade com aqueles que chegavam à sua casa. Não aceitar o cafezinho feito na hora para a visita seria considerando uma ofensa pelo anfitrião, assim como recusar ser convidado a sentar e conversar sobre o

assunto proposto pelo dono da casa. Esse ritual foi uma constante durante a nossa ida à comunidade. Dessa maneira, procuramos respeitá-lo e adequar-nos as situações cotidianas movidas pelos nossos colaboradores.

Acreditamos que esse ritual de acolhimento, incorporado pela comunidade, insere-se também no nosso processo de responsabilidade, ao adentrar na vida dessas pessoas, com a pesquisa no campo. Tal experiência trouxe-nos a reflexão de que não podemos nos apoderar, enquanto pesquisadores, do fenômeno estudado sem antes conhecermos, sentirmos, enfim vivenciarmos de forma plena as relações sociais dos sujeitos envolvidos no estudo.

Grande parte das casas era repleta de plantas, além de possuírem um pequeno quintal que aproveitavam, como já mencionamos, para o plantio. Verificamos que os moradores possuíam interesse em ampliar as suas acomodações, as pequenas reformas em residências tornavam-se uma ação constante, sempre que possível estavam *puxando* um quarto, termo utilizado por eles. Por estarem localizadas na zona rural, o verde predomina, com a presença de árvores e alguns espaços amplos. Presenciamos muitas crianças brincando nas ruas estreitas e subindo em árvores para colherem frutas. Apesar, dessa harmonia com o ambiente, alguns moradores queixavam-se da invasão de terrenos particulares, pois alguns vizinhos construíam e se apropriavam de espaços que não lhe pertenciam. Essa situação gerou muitos conflitos de convivência entre algumas pessoas da comunidade, sendo o poder público acionado para intervir.

As cores das residências eram de tom claro, a maioria das casas estava pintada de amarelo, os móveis eram antigos e geralmente passados de pais para filhos. Nas varandas, estavam dispostas várias cadeiras, como se demarcassem um lugar de encontro onde as conversas diárias oscilam desde as problemáticas da

realidade ao que aconteceu no último capítulo da novela. Em todas as casas que visitamos, observamos a posse de uma televisão, com características e aparência nova, o motivo seria pelo cuidado na conservação do eletrodoméstico ou por ter sido adquirida há pouco tempo, segundo a coleta de dados.

Essas observações nos levaram a perceber o aspecto cultural no qual se mantinha o tradicional e concomitantemente o contemporâneo. Entre essas faces, ocorre uma dinâmica no comportamento dos moradores, não marcando um conceito do que é bom ou ruim nos hábitos culturais da comunidade, mas indicando que estão em processo de mudanças, em que o antigo e o moderno são capazes de estar junto culturalmente. Isto acontece quando alguma família possui televisão ou antena parabólica, ou seja, na constatação de bens materiais, e em outro aspecto no comportamento social dos jovens ao expressarem o desejo de se mudar para Fortaleza com o objetivo de buscar novas oportunidades, com o intuito de conseguir um bom trabalho, que segundo suas falas, proporcione uma remuneração satisfatória.

Verificamos que a cultura tradicional permanece principalmente entre os moradores mais antigos, que mantêm os trabalhos manuais em evidência, como o cultivo da terra e o exercício das atividades artesanais, como: a costura, o crochê, o bordado, a construção de moradias e o delineamento da madeira, através da carpintaria. Assim demonstram o desejo de preservação de alguns costumes antigos pela comunidade, como a particularidade da rotina mantida com as conversas nas varandas e o horário cedo para se retirar para o descanso noturno.

Outro hábito presente no lugarejo é a prática de escambo, o recurso das trocas de mercadorias funciona como um valor monetário dentro da comunidade. Percebemos que é o acordo cultural estabelecido entre eles, ou seja, uma lei instituída e respeitada nas suas relações comerciais. Presenciamos essa prática,

quando numa tarde estávamos na varanda da casa de uma senhora que é costureira, e entrou um rapaz trazendo um ferro usado para trocar pelo seu filtro. A cena chamou-nos atenção e então investigamos quais os critérios para a negociação. A informação que obtivemos seria que o critério básico requer que ambas as partes tenham interesse e concordem com a troca, o que evita frequentemente a desistência ou a devolução das mercadorias depois do negócio realizado. Observamos que nessa transação comercial, o valor financeiro do produto não sobressai, pois o que se encontra em evidência é o grau de necessidade daquela família em adquirir a mercadoria.

Na sua maioria, as famílias que ali moram são antigas, com relação ao tempo de moradia, há entre dez e trinta anos que vivem na região. Algo que percebemos ligado ao fato de identificação das residências do lugarejo foi que não se utiliza, no cotidiano, a ordem numérica como instrumento de localização dos moradores. A identificação acontece de maneira subjetiva, por exemplo, o que existe é a casa do (a): Sr. Antônio sapateiro, Sr (a) Maria do bolo, Zé tatu e Inês da costura. Esses dados foram observados quando a nossa mediadora Maria apresentava os moradores da região, através de suas casas, quando caminhamos por uma pequena rua durante as primeiras visitas.

Consideramos nessa narrativa descritiva, o valor do lugar e suas relações, como representação simbólica da cultura manifesta em Sítios Novos, embora reconheçamos nossa limitação no que se refere a impossibilidade de promover uma descrição absoluta de todos os fatos ocorridos no decorrer da pesquisa ao campo.

Concordamos com DaMatta (1987) ao declarar que todo pesquisador só poderá *enxergar* aquilo que está preparado para ver. Esperamos que diante dessa

vivência, o que foi visto e sentido durante o nosso percurso, através da lente do pesquisador, tenha possibilitado a construção e o desdobramento de outras percepções por parte do leitor.

6.2 Os sujeitos: homens tecendo uma nova história

Após termos acesso ao lugar em que viviam os nossos colaboradores entrevistados, tivemos interesse em compreender como esses sujeitos incorporavam e construíam uma história de vida, entrelaçando as relações sociais desse ambiente. Acreditamos que esse processo de exploração do campo, realizado anteriormente, facilitou a nossa aproximação com os entrevistados, um favorecimento de ordem prática e funcional. Contudo, a vivência com as pessoas no distrito de Sítios Novos colaborou essencialmente para o nosso amadurecimento profissional e pessoal, na posição de pesquisador.

Desta forma, lançamos a seguir o relato do contato e os desdobramentos decorrentes desta vivência. A aproximação com os sujeitos ocorreu através da mediação de Maria, a líder comunitária, já mencionada neste capítulo. Estabelecido o primeiro contato com os entrevistados, caminhamos a partir de então de maneira independente, sem o acompanhamento da nossa mediadora.

Apresentamos o perfil dos colaboradores, dos quais realizamos três entrevistas com cada um, além das visitas para observações e registros durante o momento que trabalhavam em suas residências. Os dois homens, do gênero

masculino, possuíam primeiro grau completo e estado civil casado. Um deles que nomeamos na pesquisa de Antônio, tinha faixa etária de trinta e dois anos com três filhos, e o outro que identificamos como João, possuía trinta e sete anos e dois filhos. Ambos nasceram em cidades sertanejas do interior do estado do Ceará, moravam no município de Caucaia, há dez anos aproximadamente.

João trabalhava com costura durante o ano inteiro e fazia bordado geralmente na época do final de ano. Realizava suas atividades artesanais na própria residência, numa pequena salinha onde fica a máquina de costura e duas estantes com o material de trabalho. Quando ocorria de ter muitas encomendas, já que presta alguns serviços a uma pequena confecção de jeans da capital, contratava duas ajudantes, além da sua esposa também costurar e bordar. Verificamos com as nossas observações que a sua carga horária oscilava entre seis a oito horas de trabalho diário, dependendo do ritmo de produção que mantinha para entregar a mercadoria ao cliente. Apesar da impressão de um trabalho exaustivo e longo, João possuía hábitos predominantes da zona rural, como o de descansar após o almoço e trabalhar no máximo até as 17:00hs, já que acordava diariamente às 5:00hs.

Antônio demonstrou ser o mais habilidoso com o bordado, relatou que o formato de sua mão mudou quando começou a costurar e a bordar, antes não tinha boa coordenação motora, pois o que sabia manusear era uma enxada. Há dez anos exercia a profissão de costureiro na comunidade, sendo solicitado para fazer vestidos de aniversários e outras encomendas. Perguntamos em certo momento como conseguia dar uma forma tão bela ao pedaço de pano branco. Respondeu: [...] *tive uma infância feliz (Sic)*. Observamos que suas telas apresentavam uma

temática alegre e colorida, o pano de prato que bordava, geralmente possuía algum desenho infantil.

Averiguamos que no histórico pessoal de cada um deles existiu um familiar que exercia a costura ou o bordado como profissão. João relatou que sua avó materna e uma irmã mais velha faziam atividades artesanais, costuravam bordavam e trabalhavam com palhas na confecção de chapéus. Segundo sua fala, este hábito era constante entre as mulheres do interior sertanejo, onde viveu sua infância. Já os homens geralmente cuidavam da terra, com algum tipo de plantio, e em tempos de seca trabalhavam em pequenas obras da prefeitura local.

O depoimento de Antônio destacava a presença da mãe ensinando as filhas a bordar e a costurar. O filho tinha que ajudar o pai na pequena plantação de milho e feijão que possuíam aos arredores do sítio. Quando era criança trabalhava o dia todo na terra com a enxada. Era o único filho homem da família e precisava exercer essa função de ajudar o pai na roça.

Lembramos que esses relatos reportam ao período da infância e parte da adolescência, vivenciada pelos sujeitos entrevistados, quando moravam na cidade interiorana sertaneja. Nesse período a única aproximação que tinham com a costura ou o bordado era visualizar esse trabalho sendo realizado por mulheres de suas famílias. Essas referências femininas no artesanato perduram, ainda hoje, por verificarmos que as esposas dos dois costureiros também trabalham com o bordado.

Na comunidade de Sítios Novos ocorreu uma movimentação de algumas mulheres com o trabalho de costura e bordado, gerando uma fonte de renda para as famílias locais. Ressaltamos que não há uma formação legal de uma cooperativa, no entanto existe uma organização informal de parceiros para produzir peças de bordado. Então, os nossos colaboradores relataram que há dez anos, ao chegarem

na comunidade, não conseguiram um trabalho, já que não tinham a qualificação mínima necessária para o que era almejado. Diante dessas dificuldades, os atuais costureiros contaram com o apoio de suas esposas, que os ensinaram a habilidade de costurar, o mais difícil seria o aprendizado do bordado. Nesta atividade, uma antiga moradora da comunidade, que chamam de “Vó”, foi generosa e paciente em repassar o seu conhecimento aos novatos.

No momento em que marcamos a entrevista inicial percebemos uma reação de timidez e nervosismos por parte dos nossos entrevistados. Justificaram tal comportamento se utilizando o fato de estarem sendo pela primeira vez entrevistados, nunca tinham passado por experiência semelhante. A princípio, de acordo com as impressões desse contato na primeira entrevista, ambos não acreditavam ter conteúdo algum para contribuir com a pesquisa:

Não entendo muito dais coisas de estudo, comecei a trabalhar cedo estudei pouco. Não sei se tenho muito para ajudar nessa pesquisa que você ta fazendo. Sabe minha vida não tem muita coisa não. Mas vou dizer tudo que perguntar (sic);

É nunca pensei dar entrevista. Vai ser bom, né? Agora, to achando que eu não to com muita historia pra te contar, agente às vezes tem nó na garganta que não deixa falar (sic).

Compreendemos que essa fase inicial significou um período importante, em que construímos um vínculo de confiança e ambas as partes estavam em liberdade para contribuir no desenvolvimento do estudo. Enfatizamos para os colaboradores que todos os detalhes e os fatos que sentissem a vontade para falar seriam de extremo valor à pesquisa. Assim, os nossos sujeitos entenderam que as

suas simplicidades dariam brilho ao estudo. E, logo manifestaram que gostariam de ser identificados como costureiros, pois com essa profissão autônoma eram reconhecidos na comunidade.

Situamos que no tipo de trabalho artesanal realizado pelos costureiros, o principal instrumento são suas próprias mãos. Encontramos nos ambientes de trabalho as seguintes ferramentas que os auxiliam: uma mesa de madeira acompanhada de uma cadeira, uma máquina de costura apresentando uma aparência de bastante uso, agulhas, linhas e vários tipos de tecidos. Essa estrutura ficava em um pequeno compartimento, delimitado no quarto de um dos entrevistados. Enquanto o outro possuía uma saleta, em que ficava uma estante com o material e o restante dos utensílios já mencionados.

Constatamos, com as visitas, que era um ambiente simples e organizado, embora neste mesmo espaço concilhassem a moradia e o trabalho desses sujeitos. Observamos que durante o dia, a casa transformava-se em um lugar exclusivo de trabalho, com intervalo apenas para o almoço e o descanso, enquanto no período da noite tornava-se realmente uma residência familiar. Apesar dessa delimitação temporal, não verificamos nos costureiros alguma manifestação de preocupação com a produtividade, em relação a quantidade de peças que precisariam terminar para exposição nas feiras de artesanatos.

Em uma das visitas, nos deparamos com *Antônio* trabalhando em seu domicílio, estava terminando de montar uma blusa, que teria alguns detalhes de bordado no seu acabamento final. Percebemos que ao entrarmos não havia nenhum tipo de barulho, as crianças estavam na escola e a esposa nos acompanhou até a sala onde ele trabalhava. Diante da nossa chegada ocorreu a iniciativa de um cumprimento, contudo foi apenas essa ocasião única de interação, em que a nossa

presença foi identificada. Observamos que naquele instante passava-se um ritual, que deveria ser respeitado, era o momento de criação do produto, algo que exigia bastante concentração.

Considerando que não seria possível mantermos um diálogo, pelo menos em nível verbal, nós nos acomodamos e ficamos a visualizar aquela situação, impressionou-nos a apropriação do costureiro em manusear as agulhas, e os diversos movimentos das mãos, dando uma forma aquele tecido, que aos nossos olhos leigos, não determinavam nenhuma lógica ou uma seqüência nas ações.

Essa impressão sugestionou uma outra, pois após o término da peça, verificamos que em princípio aquele tecido branco que não possuía forma definida, agora se apresentava de maneira harmoniosa e carregava a sua marca de criatividade. No final mostrou-nos o produto com orgulho e com um sorriso na sua expressão facial, que até então demonstrava um aspecto de seriedade, fez questão de explicar as etapas de produção, o tipo de linha e tecidos utilizados.

Durante o primeiro semestre, as atividades estavam voltadas à costura com a montagem de peças, que recebiam pedidos de pequenas fábricas do ramo de confecção, a maioria com sede em Fortaleza (CE). Essas solicitações de serviço chegavam aos costureiros, por meio de atravessadores que intermediavam o contato com as fábricas, a remuneração é considerada baixa pelos costureiros, que recebem por produção de peça. Outro período que demanda muitos pedidos é o das festas juninas para confecção das roupas típicas da temporada, pois na região existe a cultura de campeonato e apresentação de quadrilhas.



FIGURA 9 – Pano de prato com detalhes bordados



FIGURA 10 – Toalha de mesa com detalhes bordados

Outra atividade exercida era o bordado, geralmente aplicados em toalhas de mesa e panos de prato, estes em específico direcionados para as festas do final do mês de dezembro, nas confraternizações do Natal e Ano Novo. Esse tipo de produto também gerava interesse em atravessadores que encomendavam peças para abastecer o mercado turístico da região. Por sua vez, outra opção para o escoamento do bordado era a exposição e vendas dos produtos que aconteciam geralmente em pequenas feiras de artesanatos organizadas no centro do município, principalmente nos fins-de-semana.

6.3 Juntando as falas e desenhando o bordado: uma análise e discussão dos diálogos construídos

Após todo o processo de construção do corpo teórico e da experiência advinda da pesquisa etnográfica na região rural, apresentamos a análise do contexto cultural estudado dialogado com o aparato bibliográfico, enfatizado nos capítulos anteriores. Desta forma, ressaltando os objetivos específicos definidos para este estudo, articulamos as falas dos nossos colaboradores sobre as temáticas abordadas com os referenciais acadêmicos pressupostos para compreensão dos dados obtidos. De acordo com Gomes (2003), uma análise propõe atender alguns requisitos:

[...] estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte (p.69).

Ao enfatizarmos a oralidade como instrumento para compreensão do fenômeno aqui estudado, reportamo-nos a Certeau (2002) ao relatar que a linguagem é impregnada de valores culturais que são compartilhados socialmente através da comunicação estruturante. O autor lembra que a simples ação cotidiana de pronunciar a palavra designa que ela não pertence a um lugar único da

individualização, ou seja, é necessário existir o receptor desta palavra, que a signifique.

Na atividade de campo surgiram algumas temáticas a partir da escuta das narrativas dos sujeitos e da aproximação assim como das observações realizadas na comunidade de Sítios Novos. Desta forma, com o propósito de fazer um mapeamento e explanação didática organizamos alguns tópicos para melhor apresentarmos a análise e discussão do material coletado.

1) Lembranças das terras do sertão

Julgamos relevante destacar os sentidos atribuídos ao sertão, uma vez que em muitos momentos durante as entrevistas nossos colaboradores trouxeram alguma lembrança, principalmente ligada à infância de suas terras de origem. Ressaltamos as falas de Antônio e João, respectivamente, que trazem alguns traços de suas infâncias associadas ao sertão:

Sinto uma falta danada do meu interior, lá eu nasci e me criei. Terra boa. É verdade que agente passava por alguns perrenhos, tudo era muito seco, quase não chovia. Minha mãe rezava pedindo por chuva. Mas, tem a parte boa. Lembro que eu brincava muito com meus irmãos. Pegávamos passarinho e gostava também de futebol (João).

Aqui onde agente mora faz lembrar a roça onde nasci, sou filho mais sete irmãos. Nossa terra é o sertão brabo e longe. Não gosto muito de falar disso, mas já passei fome. Nossas pequenas plantações não duravam. O problema do sertão é que não tem água, se tivesse era o melhor lugar do mundo (Antônio).

Reportamo-nos através dessas falas a Lima (1999) que enfatiza o quanto a sociedade encontra-se impregnada do estereótipo que associa o sertão às questões climáticas. Esse pensamento, segundo a autora, direciona à uma interpretação linear, de naturalização a todas as dificuldades e tragédias ocorridas no território sertanejo. A falta d'água escamoteia a responsabilidade das instituições públicas e privadas, além da própria comunidade ao buscar gerenciar as possíveis limitações decorridas no sertão nordestino.

Acrescentamos a essa análise, a colaboração de Albuquerque Júnior (2001) que expõe a existência de um imaginário social, em que a população sertaneja ocupa um lugar vitimizado. Contudo, revela que o sujeito nordestino também é produtor desse discurso pejorativo, quando assume uma postura passiva diante de um contexto de sofrimento. Essa visão discriminatória que pesa sobre o território nordestino, encontra-se encoberta por uma relação de poder que o sustenta. Conforme cita:

[...] o nordeste e o nordestino miserável não são um produto de um desvio de um olhar de fala, de um sistema de desvio de poder, mas são inerentes a esse sistema de forças e dele constitutivo. Somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração. Elas não são impostas de fora, elas passam por nós. (Albuquerque Jr., 2001, p.27)

Entendemos que Antônio e João associam os entraves vivenciados por eles no período da infância e da adolescência, quando moravam no sertão, ao fator climático. Embora, acreditemos que esse discurso passivo seja uma estratégia psíquica para encobrir algumas questões subjetivas, vinculadas aos laços familiares. Verificamos que em ambos, ao se reportarem a lembrança do pai, já falecido, a voz

estava carregada de emoção. Em alguns momentos tivemos que interromper as entrevistas, em respeito ao momento de sensibilidade, ao observarmos um pensamento distante dos colaboradores, como se procurassem agarrar algumas lembranças da infância.

As crianças de hoje são diferentes do meu tempo. Quando eu era menino brincava na terra, de pés no chão. Agente fazia os nossos brinquedos, lembro que tinha um carro de madeira e um peão que eu não largava. Meu pai foi que ajudou a fazer, é confesso que ele era duro, mas sempre tava perto da gente (João).

Teve um ano, quando tinha doze anos que sai pra caçar com o pai, estava me sentindo todo orgulhoso porque ele tinha me chamado pra ir com ele, quase não consegui segurar a espingarda de tão magro que eu era. Nunca esqueci, tava feliz, mas ao mesmo tempo me tremia de medo. Meu pai caçou um porco do mato, teve almoço pra semana toda. Essa experiência ninguém tira de mim (Antônio).

Essa narrativa dos sujeitos em relação à infância nos remeteu à reflexão do quanto a palavra pai foi ressoada em suas falas, ao destacarem as vivências infantis. Verificamos a memória do pai e sua presença nas histórias pessoais das relações familiares, prevalecendo o sentido de afetividade e saudade dos sujeitos com a figura paterna.

Nossos colaboradores demonstraram ser bastante religiosos, pois observamos, nos seus ambientes de trabalho, uma imagem em madeira de Padre Cícero e São Francisco, dispostos em uma mesinha coberta por uma toalha branca de renda. Relataram durante as entrevista que já foram a Canindé e Juazeiro do Norte, com o propósito de pagarem uma promessa. Antônio e João freqüentam a igreja católica, participando das missas aos domingos e ajudando nas

comemorações da festa da padroeira local, Santa Rita. Percebemos que a comunidade envolve-se em todo o processo de organização das festividades no período em que acontece o evento religioso principal da localidade.

Essa casinha é humilde, não tem luxo. Mas é tudo pra mim, tenho orgulho porque comprei esse terreno do meu suor. Sabe você tava vendo essa imagem na minha sala, é sou devoto de São Francisco, quem tem fé nele, consegue tudo. Fui até Canindé, quando consegui a graça de comprar esse terreno que é a minha casa hoje (Antônio).

Articulamos essa observação ao pensamento de David (2003) que propõe a religião como um instrumento social de alicerce psíquico, quando designa que o sujeito busca na religião um amparo para suprir a falta do pai imaginário. A idolatria de uma figura dominante masculina na religião proporciona uma sensação de proteção e sustenta o equilíbrio interno psíquico ao amenizar um momento de sofrimento ou inquietude.

Esse é meu Padim Ciço, santo de força. Tive um tempo aí doente, rezei fiz promessa e fiquei bom. Tudo me aparece me apego logo a ele, nunca me faltou. Minha mulher e os meninos foram esse ano a Juazeiro, eu não fui porque tinha que dar conta de um pedido. Mas, assim que der eu vou tenho que assistir uma missa lá na terra do meu santo protetor (João).

Acreditamos que Antônio e João buscavam na religião um suporte para compensar a ausência do pai, já que apresentavam um laço afetivo expressivo durante a infância com a figura paterna, de acordo com os seus relatos, não sabemos se essa expressão é real ou imaginária. Contudo, o essencial estava na importância dos discursos desses sujeitos ao fazerem prevalecer essa declaração de amor ao pai, e atualmente procurarem perdurar essa ligação através da religião.

2) O sentido atribuído ao trabalho

Percebemos que o trabalho representava um valor de honra e responsabilidade aos nossos entrevistados. A figura do pai fez-se presente, como a primeira referência para esses sujeitos, na definição de trabalho. De acordo com os relatos, verificados:

Trabalho desde que me conheço por gente. Meu pai fazia com que eu e meus irmãos ajudássemos no pequeno sítio. Tínhamos algumas galinhas e uma vaca. Hoje minha vida é uma beleza comparada com essa que conto. O pai era pessoa ranzinza, tinha que fazer o que ele pedia. Então, aprendemos ainda pequenos a plantar e a criar animal. Estudamos um pouco, mas homem tinha era que trabalhar para ganhar o seu dinheiro. Acho que tenho algumas coisas do pai: gosto de dormir na hora do almoço e todos os meus instrumentos de trabalho são guardados. Meu pai também era muito organizado (Antônioc).

Quando era criança meu pai, disse: filho vai colher o feijão, que eu tenho que ir pro comércio. Quando voltar, quero tudo pronto. Sai na direção da nossa plantação, só que no caminho encontrei um amigo e resolvemos brincar, arrumamos uma bola. Foi a tarde toda jogando bola. Quando o pai chegou, ouvi muita bronca, além de umas cinturadas. Ainda lembro das suas palavras, ele falou assim: homem só tem seu valor quando trabalha! (João).

Lembramos Nolasco (1993) ao destacar que o trabalho ocupa uma função fundamental na vida do sujeito, já que é através dele que se pode sentir-se reconhecido socialmente, principalmente sob as condições de um sistema dito patriarcal. Segue depoimento da importância do trabalho para o sujeito bordador:

Depois de tanto tempo me sinto bem com o que faço, sou respeitado e bastante procurado aqui na comunidade, meu trabalho é de qualidade, isso quem diz é o povo daqui. Minha vida melhorou com a costura e o bordado, tenho com que pagar as minhas contas e meus meninos tem do melhor, eles tem coisas que eu nunca imaginava quando era criança. Posso oferecer tudo isso através do meu trabalho, além disso me sinto bem, gosto de fazer tudo isso que você ta vendo pronto aqui na mesa(Antônio).

Nunca consigo fazer duas peças iguais, porque não é só a minha mão que trabalha mas o meu pensamento também acompanha o movimento da agulha. Uma vez recebi uma encomenda de duas toalhas de mesa, pra duas irmãs, expliquei logo que igual, igual não iam ficar. [...] Tenho ainda a liberdade de fazer a peça como eu quero, quando tou com algum problema sério, esqueço dele no trabalho (João).

Nolasco (1993) descreve que a relação do homem com seu trabalho está fundada numa busca de identificações, não com as singularidades inerentes a cada um, mas com o que neles há de comum com o modelo socialmente definido. O tipo de trabalho realizado personaliza e identifica o sujeito “[...] devemos registrar que a importância do trabalho sobre a subjetividade de um homem está no fato de que ele o define como indivíduo, determinando sua forma de expressão e mobilidade social.

Um homem é o que ele faz, consciente ou inconscientemente” (Nolasco, 1993, p.12).

Compreendemos que os sujeitos estiveram no contexto rural, em que existiam normas sociais de conduta que eram legitimadas pela própria comunidade. Sobre a infância, percebemos a presença de alguns vestígios de afetividade, de brincadeiras e um forte laço familiar, pois sempre algum parente era lembrado em suas falas. Por outro aspecto, também constatamos que o trabalho, na época da infância, foi algo necessário para ajudar os mais velhos, mas acima de tudo correspondia a um valor cultural. Segundo o relato que segue, os meninos trabalhavam na roça, enquanto as meninas faziam as tarefas domésticas:

[...] Minha irmã era mais velha, ajudava na casa. Sabia cozinhar e costurava para fora, pra ganhar um dinheiro extra. Os homens da casa, as crianças também, passavam o dia todo no sol (João).

Éta vida dura no sertão acordava ainda escuro pra trabalhar na roça, eu, o pai e meus irmãos. Homem que tinha força trabalhava na enxada e as meninas e a mãe ajudavam um pouco, mas nada pesado pra elas (Antônio).

No contexto do sertanejo, está presente a divisão de papéis femininos e masculinos, na ordem familiar, em casa e na ordem social, no trabalho ou na rua. A mulher, geralmente, é responsável pelo lar, realizando alguns trabalhos domésticos e quando necessário também se dispõe pra ir à roça. O homem, elaborado para isso, desdobra-se para plantar sementes. Nesse sentido, cada um procura corresponder às atribuições de uma demanda construída pela sociedade através da

socialização. Embora haja algumas peculiaridades com outras possibilidades de comportamento dessa descrição de cotidiano, no sertão essa demonstra uma ação constante do povo sertanejo.

Tomamos como curiosa a história de Antônio e João, pelo fato de ambos apresentarem, em suas narrativas, algumas amarras internas com a figura do pai, em suas falas exercia uma função de poder na família. Um pai agricultor, que zelava para que os filhos continuassem a realizar o seu trabalho, cuidando das terras do sítio. Contudo, de acordo com os relatos, João aos vinte anos resolveu ir embora, *[...] fui tentar a sorte em outro lugar (sic)*. Enquanto Antônio saiu de casa aos dezessete anos *[...] tinha que ser naquele dia, nove de agosto, tive que dar um rumo na minha vida (sic)*.

Neste momento, lembramos Albuquerque Junior (2001) ao dizer que a seca no nordeste passa a ser retratada por uma elite de intelectuais brasileiros, como o fator responsável pela fuga e a conseqüente migração que acontecia constantemente com as famílias sertanejas. O autor destaca que o desejo desse povo do sertão, ao deixar para trás suas terras de origem, será alcançado quando chegarem nas cidades, representando o paraíso da prosperidade.

Consideramos que os nossos andarilhos do sertão, aqui observados, ao romperem os laços com a família e o sertão, não estavam em perseguição a uma terra prometida de virtudes, mas buscavam construir um percurso próprio fosse no âmbito profissional ou no afetivo, já que ao se lançarem ao mundo estavam expostos a um grande aprendizado da vida. Então, ao chegarem a localidade de Sítios Novos, carregavam uma sabedoria no cuidado com a terra. Logo no início, ainda no período de adaptação a nova moradia e os vizinhos tomaram a iniciativa de plantar, então, tudo mudou:

[...] Foi um sofrimento não consegui nada. Uma terrinha até grandinha, mas a terra era roxa, não dava nada. Passei por muitas coisas ruins, não tinha como pagar minhas contas. Trabalhar com a terra não dava mais (Antônio).

Ao depararmos-nos com a palavra sofrimento, recorremos a Tamayo (2004) ao definir que o alcance da vivência prazer-sofrimento acontece devido a mobilização do sujeito em instituir mecanismos diversificados e eficazes, para que possa estabelecer uma relação mais gratificante e harmoniosa com o seu trabalho. O autor estabelece que o homem não está aprisionado ao seu trabalho, o sujeito transcende a esse aniquilamento, já que é um ser pensante e ativo, interpreta e atribui sentido na sua relação com o trabalho. É detentor de uma capacidade singular de refletir sobre as suas condições e reagir, organizando-se e contribuindo na construção de um processo dinâmico, em que surgem outros valores nas relações sociais do trabalho.

Verificamos na localidade, algumas atividades informais principalmente no que se refere aos serviços de costura e bordado. Muitas mulheres da região adquirem a renda e são as provedoras em suas famílias com a ajuda dos trabalhos artesanais. Antônio que chegou primeiro a comunidade, depois de algumas outras tentativas frustradas de conseguir um emprego formal, decidiu trabalhar com a costura e logo depois aprendeu a técnica do bordado.

Vi tanta gente ganhando dinheiro com a costura, que não faltava encomenda. Eu resolvi tentar aprender, minha esposa ensinou um pouco. Mas na verdade eu aprendi passando noites em claro na minha salinha, aprendendo até a maneira de pegar na agulha. Foi difícil no começo, porque tinha vergonha, algumas pessoas não entendiam que não ia deixar de ser homem, não. Só queria trabalhar (Antônio).

Quando comecei a aprender, o Antônio me ensinou muita coisa, cheguei até a sonhar com o pai, acredita? Ele brigava e chorava, porque eu tava fazendo trabalho de mulher. Minha esposa sempre disse que isso é besteira, o que conta é poder oferecer coisas boas pros meninos (João).

Destacamos uma tentativa de ruptura dessas fronteiras de gênero no contexto rural do sertão nordestino, através do trabalho de bordador. Anunciando, neste percurso de mudança, novos contornos, outras possibilidades de significação de um masculino sertanejo, capaz de “bordar” o seu próprio caminho que até então estava inscrito na história com um destino estagnado e previsível.

Minha vó e minha mãe trabalhavam costurando, lembro do barulho da máquina velha que tinha lá em casa. Eu achava aquilo tudo tão difícil, olhava de longe elas trabalhando. Mas achava uma beleza a toalha de mesa branca que elas faziam. Hoje, tou eu aqui acho que ninguém da minha família imaginava que eu chegaria a fazer o que faço hoje. Tenho orgulho do que faço, mas no começo de tudo foi difícil pensei em desistir várias vezes, mas sou cabra da peste, criado no sertão. Sou acostumado a dureza da vida (Antônio).

Quando fui tentar fazer um bordado no pano de prato pensava: e agora? Será que vou conseguir? Digo isso só a você, tentei seis vezes até ficar perfeito. Acho que lá no fundo da minha alma já sabia costurar. É engraçado por que fiquei surpreso com o que aprendi, mas a costura me traz boas lembranças, lembro da minha mãe: que bordava tanta coisa linda (João).

Percebemos que os sujeitos bordadores demonstravam uma atitude de coragem, perseverança em aprender um ofício novo, além de conduzirem de uma melhor maneira, alguns conflitos internos no que diz respeito à própria identidade elaborada por eles. A masculinidade passou a ser reconhecida através da realização de um outro trabalho “[...] *tenho orgulho do que faço, minhas peças são logo vendidas, algumas pessoas chamam de arte. Eu vejo como algo que faço bem, e faço porque gosto*” (sic).

O bordado foi o mais difícil de aprender tem que ter paciência e muita concentração, não consigo fazer nada no barulho. Quando comecei a agulha caia da minha mão, ou melhor, eu deixava ela cair. Depois que comecei esse serviço de bordar, acho até que me tornei uma pessoa melhor, mais calma, escuto mais as pessoas (Antônio).

Eu não me engano não. Sei que as pessoas falam. Tem preconceito. Tenho um primo que é um chato. Ele vive dizendo: rapaz isso não dá certo, tu vai deixar de ser espada. Desiste de explicar alguma coisa pra ele. Agora ele quer que eu faça o vestido da minha sobrinha de quinze anos. Eu e minha esposa resolvemos que seria o nosso presente (João).

Dessas narrativas, consideramos um fato que não foi declarado durante as entrevistas, mas estava presente nas entrelinhas do discurso. Tornava-se evidente a adaptação dos sujeitos às novas normas sociais ao local que conviviam, e realmente a ascensão à atividade da costura e do bordado, assumiam o símbolo de superação das dificuldades materiais.

Entendemos que os sujeitos entrevistados, Antônio e João, adequaram-se ao sistema social imposto, na medida em que, ingressaram no ofício da costura e do

bordado, este que era uma atividade predominante na comunidade em que viviam e assim para não serem excluídos do mercado local, ambos inseriram-se neste trabalho. Por outro lado, devemos considerar que esse encontro dos sujeitos com esse tipo de trabalho mostrava-se velado por uma história de vida pessoal na qual o bordado esteve presente em suas vidas, através de figuras maternas significativas.

Por sua vez, observamos que as mulheres acabavam por exercer um espaço de poder, em relação aos homens, dentro da própria comunidade de Sítios Novos, pelo desenvolvimento do trabalho artesanal, que favorece inclusive a circulação de capital, nos pequenos comércios. Neste sentido, pensamos que os sujeitos, aqui abordados, consciente ou inconscientes desse lugar de poder conquistado pelas mulheres, através do trabalho, buscaram também um reconhecimento dessa comunidade, e passaram a usufruir desse poder, agora como profissionais da costura e do bordado.

Sabe quando tou trabalhando nas minhas costuras não penso nessas frescuras, que é preconceito brabo. Que costura é coisa de mulher, que só elas sabem fazer isso aqui. Eu tou aqui pra mudar isso [...] esse trabalho me faz tão bem, é verdade que sou chato quando tou trabalhando não gosto de barulho, tenho que ter concentração. Quero que meus clientes fiquem satisfeitos com o meu produto (Antônio).

Acho bom você escrever sobre a nossa história. Por que tem muita gente que tem estudo que tem preconceito. Já aconteceu, deu atender um senhor, doutor, lá do sul numa feirinha e ele não acredito que eu tinha feito a toalha de mesa. Até riu e mangou de mim. Disse que não adiantava insistir que sabia que quem fazia o bordado era a minha mulher. Acho que ele pensava que eu estava inventando lorota pra poder vender. Mal sabe ele, que hoje tou aqui dando essa entrevista sobre o meu trabalho (Antônio).

A partir dessas falas, consideramos o pensamento de Foucault (1990), ao destacar que o corpo humano é disciplinado, envolvido na arte das distribuições sociais, que designam funções que ao mesmo tempo, podem acentuar o poder ou também o diminuir, com limitações, proibições ou obrigações. Conforme o autor, o corpo dócil fica disponível à manipulação do social, podendo até ser transformado, toma uma outra dimensão cultural, torna-se um instrumento de comunicação e ação às novas propostas regidas seja por um sistema repressor ou libertino. Observamos no homem sertanejo, investido nesse corpo humano *foucaultiano*, a disposição para uma adequação em uma outra função de trabalho.

Conforme destacamos, as histórias dos sujeitos relatam uma experiência única, com uma influência social, mas, sobretudo, com atributos subjetivos que dão sentido especial aos seus discursos.

7 CONSIDERAÇÕES A CERCA DO RELATO

Os povos dos sertões convidam a um observar mais detido na riqueza que lhes é peculiar. Ensinam um saber, uma cordialidade e um cuidado especialíssimo. Despertam na gente um bem-querer e um respeito pelo ser humano que enfrenta valorosamente os embates que ocorrem na arena de um lugar com o tempo diferente. Uma rede embala sonhos de dias melhores e a esperança cotidianamente renovada na fé (Figueiredo, 2004, p. 46).

Nesta pesquisa tivemos como objetivo investigar a trajetória da mudança da atividade rural para uma outra manual artesanal - o bordado -, vivenciado pelo homem sertanejo, a partir de um estudo de campo etnográfico realizado na zona rural, no interior do estado do Ceará. Os nossos colaboradores constituíram-se de homens do gênero masculino, faixa etária a partir de trinta anos, residentes na região rural e que passaram por essa experiência de migração no trabalho.

Para esboçarmos esse percurso do sertanejo nesta pesquisa, elegemos para o corpo teórico uma discussão a cerca do sertão (Albuquerque Junior, 2001, Arruda, 2005, Lima, 1999, Farias, 1997 e Martins, 2006). Em seguimento, no segundo capítulo, discorreremos sobre o homem sertanejo, através de algumas representações históricas que contribuíram para a construção da identidade desse sujeito (Geertz, 1989, Laraia, 2005, Laplanche, 1998, Vilaça, 2003, Boris, 2002, Holanda, 1995, Faço, 1983 e David, 2003). No terceiro capítulo, buscamos um diálogo sobre o conceito do trabalho e a sua participação na vida do homem contemporâneo (Nolasco, 1998, Albornoz, 2002, Tamayo, 2004 e Arendt, 2005).

Após “um olhar para trás” a cerca das reflexões surgidas dos estudos bibliográficos associados a pesquisa de campo, debruçamo-nos, nestas considerações, de que a busca pela construção de um saber, que explique as causas ou motivação do acontecimento do fenômeno estudado, não será alcançada. Na pesquisa realizada, constatamos de que sempre haverá algo a ser dito e estudado sobre essas novas perspectivas de trabalho abarcadas pelo homem sertanejo. Lembramos que lidamos neste estudo com histórias de sujeitos que significaram suas trajetórias de maneira singular, ou seja, os sentidos atribuídos são únicos e dizem respeito as vivências de alegria e sofrimento de Antônio e João.

O sujeito agricultor, definido como masculino, com esse trabalho manual do bordado, passa a ocupar um espaço construído pelo universo feminino. O masculino em questão rompe a fronteira do que é culturalmente construído para si e cria novos campos de trabalho, novas maneiras de ser, de fazer e de interpretar. Elabora outro lugar de másculo sem deixar de ser masculino. Borda outro homem com as agulhas da modernidade, com os fios da superação da discriminação social. Inventava um outro ser, um outro (ser) tão. Descostura as antigas regras sociais que classificam o bordado e a costura como atividades feminis, que requerem mãos naturalizadas femininas, de delicadeza e precisão, características essas não atribuídas às mãos masculinas, pela concepção tradicional dos papéis de gênero.

Entendemos que essa ressignificação do sujeito estabelece que o homem seja um ser histórico-social que possui características marcadas pelo tempo, pela sociedade e suas relações, mas acima de tudo é um ser apropriado de uma capacidade inventiva e construtora do seu próprio cotidiano. Nessa percepção, desmorona o estereótipo da figura simbólica do macho, caracterizado por uma plena virilidade. Essa áspera classificação que aprisiona o sujeito está propensa à

transformações, talvez aproximando os laços entre o masculino e o feminino que se encontravam tão distantes, em um meio tão rígido e demarcador de funções sociais como é o sertão nordestino.

De acordo com Badinter (1993), o sujeito está disposto a uma plasticidade humana, que sugere uma diversidade nas suas ações, símbolos, representações e valores, que são apreendidos. A partir dessa perspectiva, a hereditariedade ou os fatores exclusivamente biológicos não limitam ou anulam a sua capacidade de pensar nas suas escolhas ao traçar a singularidade do seu destino. Seguindo a posição da autora, em síntese, não existe um modelo padrão universal de masculinidade, no âmbito da cultura, apropriado de uma essência que institua a humanidade.

Esse novo homem, do nosso século, que repensa a sua participação histórica, corresponde a uma mudança imposta pelo contexto cultural atual, já que possibilita ao sujeito romper com as amarras internas e se propor a outros caminhos. Assim, como observa Nolasco (1993), o perfil do homem contemporâneo liberta-se dos estereótipos e tabus que o condicionaram durante décadas. Agora, com o avanço da globalização, dentre os demais fatores, este se envolve em um outro lugar social, mais participativo e por sua vez compartilhando de outros valores.

Consideramos o pensamento de Foucault (1990), ao destacar que o corpo humano é disciplinado, envolvido na arte das atribuições sociais, que designam funções que ao mesmo tempo, podem acentuar o poder ou também o diminuir, com limitações, proibições ou obrigações. Conforme o autor, o corpo dócil fica disponível à manipulação do social, podendo até ser transformado, toma uma outra dimensão cultural, torna-se um instrumento de comunicação e ação às novas propostas regidas seja por um sistema repressor ou libertino. Fato este observado

no homem sertanejo. Investido desse corpo humano *foucaultiano*, a disposição para uma adequação em uma outra função de trabalho, apesar de alguns entraves sociais serem encontrados, já apresentados especificamente através das falas dos colaboradores da pesquisa.

O estudo de campo nos possibilitou ter a percepção da trajetória de mudanças, a partir do trabalho, realizada pelos sertanejos. Esse “fenômeno” está permeado, nos discursos, de sofrimento que nos levam a emergência de um novo homem capaz de tecer o seu destino e nos apresentar outras formas de inclusão, pela mão do trabalho – do arado ao bordado.

Neste sentido, consideramos a investigação sobre essas outras posturas do sertanejo, do gênero masculino, que por intermédio do trabalho está produzindo outros sentidos para as suas relações sociais, definindo alternativas de sustentabilidade (suporte econômico) e identidade (suporte social). O sertão, um lugar onde prevalecia a ordem do cultivo da terra, nos apresenta uma *desordem*, ao mostrar uma mobilidade possível, através do labor. Diante do fenômeno investigado, reconhecemos que o sertão possui outros caminhos a serem descobertos e não se encontra estático, mas em constante movimento, dinâmica esta que o sujeito transforma com a escolha de um tipo de trabalho que o personalize e o identifique em sua singularidade. Nessas novas identidades construídas para o homem, o importante é ser, é (ser) tão.

Ressaltamos que não cessa por aqui o nosso interesse em prosseguir os estudos sobre a temática do sertão em pesquisas posteriores, talvez trabalhando em específico na área da História Social, com enfoque na oralidade como instrumento principal na construção do arcabouço teórico e empírico.

Esperamos que este estudo proporcione algumas contribuições àqueles que pesquisam sobre o tema e favoreça o surgimento de outras possibilidades com novas reflexões acadêmicas. Conduzimos essa pesquisa com o intuito de convidarmos o leitor para um outro olhar sobre o sertão nordestino e o homem que ali vive que se possa retratar não apenas as limitações, mas acima de tudo reconhecamos a potencialidade, a criatividade e o espírito inovador para as novas experiências, do nosso sertanejo. Neste momento, apropriamo-nos das palavras de Bastide (1980) quando ressoa “*O sertão está dentro de nós*”.

REFERÊNCIAS

- Albornoz, Suzana. (2002). *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense.
- Albuquerque, Jr., Durval Muniz de. (2001). *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez.
- Alegre, Sylvia Porto. (1994). *Mãos de mestre: itinerários da arte e da tradição*. São Paulo: Maltese.
- Alves, Rubem Azevedo. (1988). Sentido da religião. In *1º Simpósio Internacional sobre Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*. (pp. 149-59.). Fortaleza: UFC.
- Antunes, Ricardo. (2000). *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Arendt, Hannah. (2005). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arruda, Gerardo Clesio Maia. (2005). Memórias de sertanejos: apreensão e reconstrução do sentido do trabalho na fala do migrante rural nordestino. *Revista de Humanidades da Universidade de Fortaleza*, 20 (2), 114-121.
- Arruda, Gerardo Clesio Maia. (2003). Representação do sertão miserável e dominação do sertanejo. *Revista de Humanidades da Universidade de Fortaleza*, 18 (2), 133-139.
- Arruda, Gerardo Clesio Maia. (2005). Trabalho, riqueza e dominação no sertão do Brasil. *Cadernos dos CEAS*, (219), 43-62.
- Assaré, Patativa do. (1978). *Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis: Vozes.
- Bachelard, Gaston. (1998). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Badinter, Elizabeth. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barros, Manoel de. (2005). *Tratado das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record.
- Bastide, Roger. (1980). *Terra de contrastes*. São Paulo: Difel.
- Bauer, Martin W; Gaskeel, George & Allun, Nicholas C. (2002). Qualidade, Quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In Martin W. Bauer & George Gaskell (Ed.), *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. (pp. 17-36). Petrópolis (RJ): Vozes.
- Baztán, Ángel A. (1995). *Etnografía metodología cualitativa em la investigacion sociocultural*. Barcelona: Ed. Marcombo.

Bock, Ana M. Bahia (Org). (2003). *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Cortez.

Boris, Georges D. Bloc. (2002). *Falas de homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume.

Bourdieu, Pierre. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: B. Brasil.

Carvalho, Gilmar de (Org.). (2003). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.

Certeau, Michel de. (2002). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

Cruz Neto, Otávio. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. In Maria Cecília de Souza Minayo, (Org), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (pp. 22-27). Petrópolis (RJ): Vozes.

Cunha, Euclides da. (2006). *Os sertões*. São Paulo: Editora Martin Claret.

Damatta, Roberto. (1987). *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco.

David, Sérgio Nazar. (2003). *Freud e a religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Dejours, Christophe. (1994). *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas.

Farias, Airton de. (1997). *História do Ceará*. Fortaleza: UFC.

Facó, Rui. (1983). *Cangaceiros e fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ferreira, Vera. (1999). *De Virgolino a Lampião*. São Paulo: Idéia Visual.

Figueiredo, João B. de Albuquerque. (2004). O caminhar no sertão: a produção de saberes parceiros. In Ângela Kuster (Org), *Educação no contexto do semi-árido*. (pp. 45-68). Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer.

Figura 1 (2007) – *Tela de bordado feito à mão*. (2006). 1 foto color. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp>. Acesso em 10 set. 2007.

Figura 2 (2005) – Portinari, Cândido. *Retirantes*. [1944] Disponível em: <http://www.proa.org/exhibicion/portinari/salas/id_portinari_retirantes.html. Acesso em: 11 jan. 2005.

Figura 3 (2007) – *Tela de bordado feito à mão*. (2006). 1 foto color. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp>. Acesso em 10 set. 2007.

Figura 4 (2007) – *Mapa do nordeste e sub-regiões: zona da mata, agreste, sertão e meio-norte*. 1 foto color. Disponível em: < <http://www.educacional.com.br>. Acesso em 20 mar. 2007.

Figura 5 – Martins, Adelmir. *Cangaceiro*. (1999). Disponível em: < <http://www.pinturasbrasileiras.com.br>. Acesso em 12 abr. 2005.

Figura 6 – Amaral, Tarsila do. *Vendedor de frutas*. (1925). Disponível em: < <http://www.tarsiladoamaral.com.bb..> Acesso em 15 abr. 2007.

Figura 7 – *Foto zona rural Sítios Novos*.

Figura 8 – *Foto criação de animais*.

Figura 9 – *Toalha de mesa com detalhes bordados*.

Figura10 – *Toalha de mesa com detalhes bordados*.

Foucault, Michel. (1990). *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, Michel. (2003). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

Freud, Sigmund. (1987). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago.

Gaskeel, George. (2002). Entrevista individuais e grupais. In Martin W. Bauer & George Gaskell (Ed.), *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. (pp. 64-89). Petrópolis (RJ): Vozes.

Geertz, Clifford. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Holanda, S. Buarque de. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Janotti, Maria de Lourdes M. (1981). *O coronelismo*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Jaspard, Jean Marie. (1988). Sentido da religião. In *1º Simpósio Internacional sobre Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*. (pp. 27-39). Fortaleza: UFC.

Jordão, Alexandre Abranches. (2006). Para ler o mundo. In Karla P. Holanda Martins (Org), *Profetas da chuva*. (pp. 186-194). Fortaleza: Tempo d'imagem.

Kuster, Angela. (2003). *Democracia e sustentabilidade*. Fortaleza: Exp. G. e Editora.

Kuster, Angela. (Org). (2004). *Educação no contexto do semi-árido brasileiro*. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer.

Laplanche, Jean. (1998). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplantine, François. (1983). *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense.

Laplantine, François. (2004). *A descrição etnográfica*. São Paulo: Terceira margem.

Laraia, Roque de Barros. (2006). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lima, Nísia Trindade. (1999). *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan.

Lins, Daniel. (1997). *Lampião: o homem que amava as mulheres*. São Paulo: Annablume.

- Marconi, Marina de Andrade. (1998). *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas.
- Martins, José Clerton de Oliveira (Org). (2006). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca.
- Martins, José Clerton de Oliveira. (2006). O tempo de trabalho na experiência do profeta da chuva. In Karla P. Holanda Martins (Org), *Profetas da chuva*. (pp. 156-160). Fortaleza: Tempo d'imagem.
- Martins, Karla Patrícia H (Org). (2006). *Profetas da chuva*. Fortaleza (CE): Tempo d'imagem,.
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. (Org). (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Montenegro, Antônio Torres. (2001). *História oral e memória*. São Paulo: Contexto.
- Morgan, G. (1996). *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas.
- Nabuco, M. Regina. (1999). *Relações e trabalho contemporâneos*. Belo Horizonte: IRT.
- Nascimento, H. (2003). Miranda do. *Conviver o sertão*. São Paulo: Annablume.
- Nolasco, Sócrates. (1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Ribeiro, Darcy. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roland, Ana Maria. (2003). A terra de exílio e o sertão redimido: notas sobre a crônica sertaneja em José de Alencar. In Gilmar de Carvalho (Org.), *Bonito pra chover*. (pp. 45-62). Fortaleza (CE): Edições Demócrito Rocha.
- Saffioti, Heleieth I. B. (1992). Rearticulando gênero e classe social. In Albertina de Oliveira Costa & Cristina Bruschini. *Uma questão de gênero*. (pp. 182-215). São Paulo: Fundação Carlos Chagas/ Rosa dos Tempos.
- Spink, Mary Jane P. (Org.). (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez.
- Steil, Carlos Alberto. (1996). *O sertão das romarias*. Petrópolis: Vozes.
- Tamayo, A. (Org). (2004). *Cultura e saúde nas organizações*. Porto Alegre: Artmed.
- Vasconcelos, João Gualberto. (1995). *A invenção do coronel*. Vitória: UFES.
- Vasconcelos, José Gerardo (Org). (2003). *Linguagens da história*. Fortaleza: Imprece.

Vilaça, Marcos Vinícios. (2003). *Coronel, coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Yin, Robert K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

ANEXO A ROTEIRO OU TÓPICO-GUIA

- 1) A descrição da trajetória de mudança do trabalho, da agricultura ao bordado;
- 2) O valor atribuído ao trabalho, hoje;
- 3) O sentido de viver no ambiente do sertão, do tradicional ao contemporâneo.

ANEXO B CARTA DE INFORMAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

CARTA DE INFORMAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

Título do Projeto: Do arado ao bordado: mudança no trabalho do homem do sertão.

A finalidade desta carta é esclarecer e convidá-lo a participar de maneira voluntária na pesquisa, cujo título é *Do arado ao bordado: mudança no trabalho do homem do sertão*, em que tem por objetivo analisar a relação do homem sertanejo com o seu trabalho, que migrou da agricultura para a atividade do bordado. Para alcançarmos esse objetivo, realizaremos entrevistas que serão gravadas e participaremos, quando necessário, como observadores do cotidiano de seu trabalho. Esses procedimentos serão efetivados mediante a sua autorização. Assim, solicitamos a sua participação para contribuir no estudo. Informamos que:

- As informações coletadas serão utilizadas apenas para os objetivos da pesquisa acadêmica;
- A sua identidade será preservada, as informações ficarão em sigilo;
- A sua colaboração não propiciará benefício direto a sua pessoa. Entretanto, em nenhum momento, terá prejuízo no seu tratamento e financeiro;
- Garantimos o seu direito de retirar o seu consentimento a qualquer momento da pesquisa;
- Através deste documento estará concordando com a publicação do relatório final da pesquisa, transformado em Dissertação de Mestrado, artigos ou livros, tendo como garantia da mestranda *Liliana Leite Chagas* o sigilo absoluto quanto à sua identidade.

Após ler estas informações e ter minhas dúvidas esclarecidas pela pesquisadora. Eu _____, residente _____, telefone: _____, concordo em participar de forma voluntária desta pesquisa.

Em caso de dúvidas entrar em contato com a pesquisadora Liliana Leite Chagas, residente à _____, telefone _____.

Fortaleza-CE, _____ / _____ / _____.

Mestranda: _____ Colaborador: _____

Liliana Leite Chagas

Sujeito da Pesquisa

ANEXO C SINAIS DE UM BOM INVERNO²

- Quando o pássaro João-de-Barro faz sua casa com a entrada para o lado do poente evitando chuva e vento.
- Quando está perto de chover o vento vem do poente e não do nascente.
- Quando a formiga-de-roça está fazendo limpeza em sua casa, tirando a comida velha e as sujeiras de dentro do formigueiro.
- Cupim gordo cheio de fios e criando asas.
- Presença de muitas teias de aranhas nas portas e nas janelas.
- Carnaubeiras carregadas em outubro.
- Muito calor.
- Presença de relâmpagos na costa sul durante todo o mês de outubro.
- Quando a lua nova pende para o norte durante todo o seu ciclo.
- Quando os insetos, em especial as formigas, estão carregando seus filhotes para outro local.
- Mãe-da-lua cantar no mês de dezembro.
- Primeira lua de janeiro com barra.
- Estrela-dalva posicionada na direção do poente (à direita) indo para o sul, acompanhada de um planeta.

² Observações dos profetas para previsibilidade de chuva no sertão. Material constante na obra de Karla Martins, Profetas da chuva (2006).

ANEXO D LAMENTO SERTANEJO³

Por ser de lá
Do sertão, lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga do roçado.
Eu quase não saio
Eu quase não tenho amigos
Eu quase que não consigo
Ficar na cidade sem viver contrariado.

Por ser de lá
Na certa por isso mesmo
Não gosto de cama mole
Não sei comer sem torresmo.
Eu quase não falo
Eu quase não sei de nada
Sou como rês desgarrada
Nessa multidão boiada caminhando a esmo.

³ Composição: Dominginhos/ Gilberto Gil.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)